

**Movimentos populares em protestos contra as ações do Eixo no Brasil,
no ano de 1942.**

Resumo

Este trabalho pretende analisar as manifestações populares que ocorreram no Brasil no ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitos navios brasileiros foram atacados. Na primeira parte do trabalho, será abordado o panorama político e social do Brasil no Estado Novo, o impacto da guerra na vida dos brasileiros e a influência do Partido Comunista nos movimentos populares. Na segunda parte, serão analisadas as experiências dos naufragos, com enfoque nos detalhes das tragédias, com o objetivo de destacar o fator emocional que esses eventos causaram na vida dos brasileiros na época. Na terceira parte serão analisadas as manifestações populares e suas características, demonstrando a forma como as massas atuaram e as articulações políticas que estavam implícitas nos movimentos, apesar dos limites impostos pelo governo Vargas.

Leila Nascimento Santos Braz

**Movimentos populares em protestos contra as ações do Eixo no Brasil,
no ano de 1942.**

Monografia apresentada ao Curso de História como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Fortes

Nova Iguaçu

2015

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Fortes (Orientador)

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Luis Edmundo Moraes

Seropédica – DHRI – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo privilégio de conquistar uma vaga na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro após tantos anos longe da sala de aula, por ter me ajudado a trilhar esse caminho e a chegar até aqui.

Aos familiares, que de forma direta ou indireta me ajudaram, em especial aos meus pais, que em todo o tempo estiveram ao meu lado me apoiando de diversas formas. Também ao meu marido agradeço a compreensão pelas horas dedicadas ao estudo, e as palavras de incentivo, principalmente nas horas mais difíceis quando cheguei a pensar em desistir. E aos meus filhos que, sempre me encorajando, entenderam a ausência.

A esta instituição, pelas oportunidades oferecidas, contribuindo para o meu crescimento intelectual. Aos meus queridos professores que foram verdadeiros companheiros nessa caminhada.

Ao meu orientador, professor Alexandre Fortes, pela oportunidade de participar do seu projeto e grupo de pesquisa através da bolsa de iniciação científica, que foi de grande importância para minha formação, proporcionando experiências únicas e enriquecedoras. Sou grata por acreditar em meu potencial e confiar em meu trabalho. Também pela orientação, paciência e todo o tempo dedicado à correção de minhas produções, especialmente deste trabalho, sem o qual não conseguiria.

Aos amigos de antes e também aos que conquistei durante a graduação, que sempre se alegraram comigo a cada vitória alcançada. Aos meus queridos colegas de turma, que exerceram um papel fundamental em minha formação, numa relação de troca e companheirismo que levarei para sempre.

Ao grupo de pesquisa que tive o privilégio de participar e que tanto acrescentou à minha vida acadêmica. Agradeço as dicas e as palavras de incentivo.

A todos que, de alguma forma participaram de minha trajetória na graduação, tempo que marcou a minha vida para sempre. A todos a minha eterna gratidão.

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo 01 – O Brasil e a Segunda Guerra.....	14
1.1 Panorama político e social.....	16
1.2 O impacto da guerra no cotidiano dos trabalhadores.....	19
1.3 O Partido Comunista.....	24
Capítulo 02 – Na memória do povo brasileiro.....	28
2.1 A guerra atinge os brasileiros.....	28
2.2 Um ataque articulado e uma constatação: a espionagem.....	30
2.3 Providências no continente: apoio estrangeiro, esforço de guerra e mudanças na legislação trabalhista.....	34
2.4 Ataques em série no Atlântico – a crueldade do Eixo.....	38
Capítulo 03 – As massas nas ruas: os protestos.....	45
3.1 As multidões e as ações políticas.....	45
3.2 Manifestações organizadas.....	48
3.3 Manifestações desordenadas e a intervenção do Partido Comunista.....	51
3.4 Tragédia na costa brasileira.....	56
3.5 Os efeitos do discurso de União Nacional.....	58
Considerações Finais.....	63
Referências Bibliográficas.....	65
Fontes.....	66
Anexos.....	67

Abreviaturas

CNT – Conselho Nacional do Trabalho

UNE – União Nacional dos Estudantes

PCB – Partido Comunista do Brasil

CR – Comitê Regional

CR-BA – Comitê Regional da Bahia

FNU – Frente Nacional Unificada

CNOP – Comissão Nacional de Organização Provisória

Introdução

O ano de 2013 foi marcado por movimentos populares no centro da cidade do Rio de Janeiro, em torno do aumento das passagens de ônibus. Muitos protestos mobilizaram parte da cidade, ocasionando transtornos econômicos e viários, com muitas ruas interditadas. À primeira vista, os protestos foram motivados pelo aumento das passagens de ônibus, que para a população, era abusivo, desnecessário e em todo caso, com taxa muito acima do esperado. Mas se o tema for analisado mais profundamente, surgirão motivações implícitas que fazem parte de uma lista de insatisfações que já vinham incomodando o povo por longa data. No entanto, o preço das passagens pode ser considerado um bom pretexto para o movimento.

Esse evento levanta uma questão sobre as motivações que levam pessoas às ruas em torno de alguma reivindicação. O movimento das ruas caracteriza-se pela força que a multidão concentra em torno de um objetivo. Representam um clamor coletivo muito poderoso diante da sociedade e seus governantes. O estudo das motivações das massas é importante para a elucidação da sociedade sobre os motivos que levam pessoas a participarem de certos movimentos, incentivando-a a manter-se informada sobre a realidade, sobre o que está acontecendo ao seu redor, para que não seja manipulada em prol de causas alheias.

Esse fato me fez refletir sobre os movimentos de massa que sacudiram o Brasil no ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Não foram poucos os comícios, passeatas e manifestações que ocorreram no decorrer desse ano, em várias partes do território nacional.

O contexto da Segunda Guerra apresenta elementos históricos que são importantes para melhor entendimento dessas manifestações. O posicionamento do Brasil ao lado dos Estados Unidos após o ataque japonês a Pearl Harbor e os desdobramentos políticos dessa aliança; o rompimento com o Eixo; o movimento antigermânico e a valorização do trabalhador brasileiro; o nacionalismo emergente; as mobilizações patrióticas e a participação dos trabalhadores; a atuação do Partido Comunista junto às massas; as desconfianças com as intenções antifascistas do governo Vargas e a declaração de guerra são elementos que precisarão ser analisados cuidadosamente para os desdobramentos da pesquisa.

A aliança do Brasil com os Estados Unidos foi uma resposta importante para os acontecimentos de dezembro de 1941. No entanto, segundo João Falcão¹, pressões da opinião pública, impulsionada por ideais antifascistas, exigiam do governo brasileiro uma atitude mais radical que uma simples demonstração de solidariedade. Em janeiro de 1942 o Brasil rompe relações com o Eixo, tomando as devidas providências, em restrição aos países inimigos.

Entre 1940 e 1942, o Brasil foi considerado aliado importante dos norte-americanos. Essa aliança resultou em uma relação de troca, na qual tanto o Brasil quanto os Estados Unidos foram beneficiados. O investimento realizado pelos norte-americanos foi de fundamental importância para a participação do Brasil na guerra, além de representar uma represália à aproximação dos alemães com o Brasil, que já investiam no país há algum tempo. Essa relação diplomática elevou o Brasil a uma condição hegemônica na América do Sul e o rompimento com o Eixo obviamente gerou insatisfações na Europa e, como resultado, o Brasil pagou um alto preço.

O movimento antigermânico foi um esforço de vigilância contra a influência fascista no país. Hobsbawn² cita a ascensão do totalitarismo no período entre guerras, como uma tentativa de retorno às tradições ameaçadas pelas revoluções. Essa tendência de direita teria alimentado o fascismo que veio a ser o inimigo comum de várias correntes políticas. No Brasil, especialmente após os episódios de 1942, o repúdio ao fascismo intensificou-se significativamente.

Na visão dos manifestantes, a presença de alemães no Brasil representava uma ameaça à liberdade e à democracia. Esse movimento antigermânico marcou a participação de trabalhadores nos movimentos de massas, que representou um peso importante no jogo político no país. Essa participação não teria sido, na visão de Alexandre Fortes, reflexo de projetos políticos do Estado Novo, como o “Trabalhismo” por exemplo, mas uma consequência da guerra.³ A falta de apoio institucional para movimentos de massa durante o

¹ FALCÃO, João. O Brasil e a Segunda Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília, DF: EDU – UNB, 1999.

² HOBBSAWN, Erick. Contra o inimigo comum. In Era dos Extremos. O Breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³ Fortes, Alexandre . Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil. Nuevo Mundo-Mundos Nuevos, v. 001, 2014, p. 14.

Estado Novo tornou surpreendente os eventos de 1942, além de representar uma inflexão na participação popular na política do país.

A Segunda Guerra trouxe novas conjunturas. O Estado precisava de uma mobilização nacionalista. O movimento antigermânico abriu caminhos para a valorização do “trabalhador nacional”, gerando maior aceitação para as teses da “democracia racial”. O trabalhador germânico, antes valorizado e almejado para o branqueamento do país, foi intensamente repellido, enquanto o trabalhador do Brasil (independente da raça) passou a ser visto como “povo brasileiro”. O povo se viu como nação, a “nação imaginada” de Benedict Anderson⁴, que levou a sociedade a esquecer diferenças, em função de algo maior, formando uma unidade. Além disso, a guerra impulsionou a industrialização, ao mesmo tempo que possibilitou a busca por melhores condições de trabalho, já que os trabalhadores, em contexto de guerra eram colaboradores da defesa nacional. A presença de estudantes e trabalhadores nas ruas tinha, então, motivações nacionalistas intensificadas no período.

De acordo com João Falcão, o Partido Comunista começou a atuar no Brasil contra o fascismo, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro. Jacob Gorender⁵ considerava Salvador como o celeiro de militantes comunistas, já que a repressão na Bahia era menos intensa do que na capital federal. Unindo-se aos estudantes, o Partido Comunista iniciou a política de União Nacional.

A desconfiança com as intenções antifascistas do Estado Novo foi um fator importante nas relações políticas da época e também na opinião pública. Posteriormente, a nomeação de Filinto Müller como Presidente do Conselho Nacional do Trabalho, já no período final da guerra, representava uma força contrária à democracia, confirmando especulações sobre as intenções de Vargas. Filinto Müller seria simpatizante do Eixo. Este havia fracassado no controle à repressão em 1942 e agora retornaria como o “controlador” dos direitos dos trabalhadores, já que o CNT era a última instância de recursos para a classe operária. Essa situação colocou em dúvida a sinceridade de Vargas na adesão aos aliados e a questão

⁴ ANDERSON, Benedict Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵ GORENDER, Jacob. Teoria e debate, n° 11, 3° trimestre de 1990. In. Memória. Entrevistas sobre o Brasil do século XX. Organização Ricardo de Azevedo e Flamarion Mauês. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. Página 181.

diplomática com os EUA não poderia ser abalada, pois era muito importante nessa conjuntura de guerra. Não deixando de considerar o jogo político de Vargas, no tocante às relações diplomáticas, é importante destacar que havia um motivo mais evidente para essa nomeação.⁶

A justificativa de Vargas viria com o fortalecimento da Rússia. O fim da guerra revelou uma Rússia politicamente forte, cujos ideais socialistas poderiam exercer grande influência nas sociedades do mundo inteiro. Muitos nacionalistas emergentes poderiam sentir-se atraídos pelos ideais soviéticos. A aproximação de militantes comunistas no governo, na ocasião dos afundamentos dos navios, intrigava e ameaçava os ideais democráticos capitalistas do governo brasileiro. A entrada do Brasil na guerra abriu caminhos para o fortalecimento do governo brasileiro no controle das regulações trabalhistas, sob alegação da necessidade de sacrifícios pela guerra. Estrategicamente, Getúlio colocou Filinto Müller no controle da classe operária, garantindo ao governo um afastamento dos ideais comunistas. Os trabalhadores representavam um grande impacto no esforço de guerra e deveriam ser controlados dentro dos ideais capitalistas. A “agitação operária” não poderia ameaçar a ditadura do governo Vargas. O sentimento anti-fascista não podia apagar o repúdio do governo ao comunismo.

Os trabalhadores foram um ponto chave nessas mobilizações, importantes tanto para os comunistas como para o governo, que precisava de seu apoio. No entanto, o Estado Novo nunca deixou de tentar manter o controle da situação, em prol de seus interesses. Já a esquerda, voltou a atuar no cenário político, não só através dos trabalhadores nas manifestações, como do movimento estudantil, que teve apoio do governo para atuar como instituição (UNE). A partir da “União Nacional”, todos passaram a observar qualquer movimento que sinalizasse uma postura fascista ou simpatizante com o Eixo. Nesse contexto, muitos movimentos políticos foram articulados, como será constatado em publicações da imprensa da época.

O conhecimento dessas conjunturas políticas e sociais ajudam a fazer a análise social dos movimentos de 1942 e a levantar questionamentos. Apesar dos ideais antigermânicos que

⁶ FORTES, Alexandre. "Do reformismo tecnocrático ao nacionalismo de massas: A Segunda Guerra Mundial e a emergência do trabalhismo brasileiro". In: Norberto Ferreras e Daniel Aarão Reis Filho (org.). *A Questão Nacional e as Tradições Nacional-Estatistas na América Latina e na África*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, no prelo.

envolviam a população, há de se pensar que o temor da guerra não podia ser ignorado. Uma coisa seria expulsar do país integrantes do Eixo, outra coisa seria abraçar a guerra como forma de vingança.

As manifestações populares, a priori, pareciam motivadas pelos afundamentos dos navios mercantes brasileiros por torpedeiros alemães e italianos. O Brasil foi atingido, ferindo os corações do povo brasileiro, trazendo a dor, a revolta e um desejo ardente de se fazer justiça, principalmente quando os afundamentos ocorreram na costa brasileira. A vingança era uma justificativa muito convincente para explicar a presença do povo nas ruas. O que se diz é que a população clamava pela entrada do país na guerra, para que o Eixo tivesse o seu troco. Mas algumas perguntas nos fazem refletir sobre esse clamor popular. Como o Brasil poderia dar o troco a países tão poderosos como os representantes do Eixo? Mesmo com tanta revolta, o povo não estaria temeroso com as conseqüências que a guerra poderia representar para a sociedade?

Essas questões põem em dúvida se realmente o povo almejava essa guerra. Toda a estrutura da sociedade é alterada mediante uma guerra. O abastecimento é comprometido; homens recrutados deixam suas famílias; as mulheres sozinhas precisam enfrentar todas as dificuldades que uma guerra pode gerar; além disso, muitas mortes mais poderiam ocorrer além das ocasionadas pelos torpedeamentos dos navios. Tudo isso deveria preocupar as pessoas. Mesmo que se argumente que, no calor das emoções, as pessoas não parariam para pensar nessas conseqüências e que a falta de experiência de guerra poderia levar o povo a desconsiderar esses percalços, o temor da guerra é algo inerente a qualquer ser humano.

Baseado nesse panorama social e político, não se pode ignorar os questionamentos. De quem seria, de fato, esses os apelos pela guerra? Não se descarta a idéia de que a decisão do governo brasileiro de declarar guerra aos países do Eixo poderia ter sido resultado de pressões norte-americanas, mas isso não invalida o papel do povo nas ruas. A alegria foi geral, mas ao analisar os recrutamentos da FEB, surgem outros questionamentos. Quem foram os recrutados? Onde estavam aqueles que estavam nas ruas chamando a população para gritar pela guerra?

Tais questões dão a base e o motivo deste trabalho. Qual teria sido realmente a motivação para tais mobilizações? O que estaria por traz desses movimentos de massa? Será

que era mesmo o povo que queria a guerra? Ou o povo teria sido manipulado para dar força a um movimento articulado implicitamente? Este trabalho, dividido em três capítulos, representa uma tentativa de responder a essas perguntas, ou ao menos, questionar o óbvio, apresentando, mediante fontes primárias e biografias, alguns elementos que demonstrarão claramente forças implícitas por trás desses movimentos populares no Brasil, no ano de 1942.

No primeiro capítulo será abordado o impacto da guerra na vida dos brasileiros, no capítulo seguinte serão descritos, de maneira detalhada, os naufrágios, para que se entenda o quanto esses eventos atingiram as emoções da sociedade brasileira e por último, será analisado o perfil das manifestações e o que suas características pressupõem.

Capítulo 1

O Brasil e a Segunda Guerra.

Vários trabalhos sobre o impacto da II Guerra no Brasil foram consultados e ajudaram a realizar este estudo específico sobre as mobilizações ocorridas em todo o território nacional durante o ano de 1942. Os autores variam entre ativistas do PCB, jornalistas e historiadores, alguns testemunhas oculares dos acontecimentos, outros interessados nesse momento histórico. Todos contribuíram para o avanço das pesquisas sobre a trajetória do país em conjuntura de guerra, evento este que selou o destino de muitas vidas e confluuiu em um momento político e social importante no Brasil.

Entre esses autores podemos citar João Falcão com *O Brasil e a Segunda Guerra*, que em 1942 era um jovem comunista e participou ativamente desse momento da história. Essa obra foi feita a partir de documentos publicados na revista *Seiva* (editoriais, manifestos de entidades patrióticas, colaborações de escritores antifascistas, artigos de escritores comunistas, reportagens e notícias sobre a guerra).

A obra informa sobre a política interna e externa do Brasil na época, fala sobre a decisão do governo de ir aos campos de batalha e sobre as conseqüências do pós-guerra. O autor ressalta o relevante papel do povo brasileiro na retaguarda, na forte pressão sobre o governo para declarar guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão e para o envio de um corpo expedicionário à Europa.

Na tese de doutorado – *os Impasses da Estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. 1936-1948*, Carlos Zacarias F. de Sena Júnior ocupa-se da participação dos comunistas brasileiros no contexto de guerra e do governo estadonovista, assim como aborda o papel central do Comitê Regional (CR) baiano do Partido Comunista do Brasil (PCB) no processo de organização do movimento comunista nacional, enfatizando os incentivos do mesmo para a arregimentação das massas no movimento anti-nazifascista.

O Brasil na mira de Hitler, do jornalista Roberto Sander é outro trabalho importante que descreve os bombardeios sofridos por embarcações brasileiras em ataques orquestrados por alemães nazistas. Sander traz à tona as negociações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos, reproduz depoimentos dramáticos de naufragos, recria o desmantelamento da

rede de espões nazistas no Brasil e expõe as intrigas, desavenças e hesitações do governo Vargas. De grande relevância para este trabalho, o autor contribuiu principalmente para a organização do segundo capítulo, quando será descrito os naufrágios, suas implicações e respectivas reações por parte do Estado e da população brasileira.

A entrevista de Jacob Gorender à revista Teoria e Debate relembra a atuação no período desse importante militante comunista que integrou FEB, presenciou os horrores da guerra e a conjuntura política do Estado Novo.

O artigo *Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil*, escrito por Alexandre Fortes, discute a conjuntura de guerra e sua atuação no fortalecimento do Estado, exigindo ao mesmo tempo uma postura mais efetiva de regulação da atividade econômica e das relações sociais. Além desse artigo, outros dois trabalhos importantes tiveram grande relevância para essa pesquisa. *Do reformismo tecnocrático ao nacionalismo de massas: A Segunda Guerra Mundial e a emergência do trabalhismo brasileiro*, que trata da consolidação da legislação trabalhista ocorrida entre os anos 1941-45 e também da nova forma de participação política dos trabalhadores no Brasil no período de guerra. Em *Nacionalismo de massas e relações de classe no contexto da Segunda Guerra Mundial: O caso da Grande Recife*, Alexandre Fortes discute as relações sociais e políticas entre o Estado e a classe trabalhadora, também na conjuntura de guerra.

A questão das "massas", "turbas", ou "multidões revolucionárias", que será tratada no terceiro capítulo deste trabalho, já foi tratada por muitos historiadores e cientistas sociais em diversos momentos. No campo da história social marxista britânica, **George Rudé** escreveu um trabalho clássico chamado *A multidão na história*. Rudé inovou trazendo uma visão positiva da multidão como um sujeito histórico importante e com potencial para provocar mudanças na sociedade.

Ângela de Castro Gomes escreve sobre o Trabalhismo e Estado Novo, abordando como o Estado Novo teria articulado as relações de trabalho, de maneira a "favorecer" os trabalhadores, em busca de apoio incondicional. A guerra não é seu objeto de estudo, mas a forma como descreve o trabalhismo do governo varguista ajuda a esclarecer a maneira como muitos trabalhadores rompem com a tradição do período em um contexto de guerra.

Outro autor importante é Roney Cytrynowicz com sua obra *A guerra sem guerra*, uma tese de doutorado em história social pela Universidade de São Paulo (USP). O autor aborda o impacto da Segunda Guerra Mundial no cotidiano da população paulista e, de uma forma crítica, questiona o movimento de mobilização para a guerra como um evento de interesse político do Estado Novo. Sua obra traça um painel social, econômico, cultural e político de São Paulo de 1939 a 1945, anos em que a Segunda Guerra Mundial devastava a Europa. Resgata histórias como o "pão de guerra", a crise dos matrimônios, a escassez de empregadas domésticas e a tentativa do governo Vargas de beneficiar-se politicamente da guerra, seguida da resistência da população. Utilizando entre outras coisas, documentos, leis, periódicos, composições musicais, e em especial um diário não publicado de uma jovem chamada Mina Mutchnik de 14 anos que, segundo o autor, ajudou a mensurar o lugar que a guerra ocupou no cotidiano da população, Cytrynowicz traça o perfil da sociedade durante o conflito, seu cotidiano e o grau de envolvimento com a guerra.

Esses autores ajudarão a compor este trabalho, que, neste primeiro capítulo vai discutir o impacto da guerra na vida dos brasileiros, traçando o panorama político do país, destacando aspectos do cotidiano da população e do perfil do Partido Comunista da época.

1.1. Panorama político e social.

É muito importante entender o contexto do final da década de 30 e os anos 40 para que haja compreensão dos acontecimentos do ano de 1942, período de mudanças políticas e sociais no país. O Brasil do Estado Novo apresentava um panorama político de grandes movimentos em torno do mundo do trabalho. O governo tinha interesse em controlar a classe operária, cujo movimento se mostrara atuante desde a proclamação da República, com o objetivo de inserir os trabalhadores no cenário político brasileiro. Com o apoio dos socialistas, o movimento operário foi marcante no período da Primeira República, mas sempre acompanhado por atos de repressão por parte das autoridades oligárquicas.

A forma que o governo encontrou de contornar o movimento operário foi com o projeto do Trabalhismo de Vargas⁷. Em janeiro de 1942, o então Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Alexandre Marcondes Filho dá início a uma série de palestras semanais

⁷ GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.

no programa radiofônico *A Hora do Brasil*, divulgando a legislação social trabalhista para o grande público de trabalhadores brasileiros. O rádio era um instrumento de grande alcance, até porque muitos trabalhadores eram analfabetos. O objetivo era conquistar a classe trabalhadora com medidas assistencialistas e de valorização do trabalho.

Ângela de Castro Gomes lembra que a proclamação da república representou um sopro de esperança para a atuação da classe operária no cenário político nacional. No entanto, a virada do século arrefeceu os ânimos. O início do século XX trouxe uma resistência por parte das autoridades oligárquicas, características da Primeira República, à atuação do movimento operário e sua participação na política do país.

O apoio socialista foi de grande importância na tentativa de buscar os direitos dos trabalhadores. Mas a repressão que se seguiu por parte das autoridades afastou tanto socialistas como posteriormente anarquistas dos movimentos em torno da classe operária. Em 1922, surgiu o partido comunista, que da mesma forma tentava apoiar os trabalhadores na busca por seus direitos, mas logo é reprimido e entra na ilegalidade. É fato que o Partido Comunista continuou atuando, apesar da presença constante da repressão do governo, que se intensificara após a revolução de 30, já que Vargas o considerava instrumento significativo de oposição e uma ameaça à segurança nacional. Até 1940, o movimento operário foi silenciado pelas ações do governo Vargas que procurou manter o controle da classe com medidas autoritárias e centralizadoras, o que não impediu que a resistência e oposição por parte dos trabalhadores persistissem.

Para arrefecer a resistência, a estratégia de Vargas foi conquistar esses trabalhadores com ganhos materiais e assistencialismo. Foi o que conseguiu a partir de 40. O trabalho do ministro Alexandre Marcondes Filho foi uma forma de consolidar e divulgar uma relação de reciprocidade que foi extremamente importante para o apoio popular que o governo Vargas almejava. A “Ideologia da Outorga” foi o ponto nevrálgico que selou o apoio dos trabalhadores ao governo autoritário de Vargas, suavizado pelos “presentes” ofertados pelo presidente da república aos trabalhadores.

Com esse panorama político e social, o Brasil se vê na iminência de participar ativamente da Segunda Guerra Mundial. Até 1942, o país envolto em suas questões internas, não se envolveu com o conflito. A guerra iniciara em 1939, no entanto, na visão dos

brasileiros, era um problema da Europa, muito distante e certamente não atingiria o cotidiano da população da América Latina, especificamente do povo brasileiro.

Roney Cytrynowicz tentou mostrar o quanto a guerra parecia distante dos brasileiros no cotidiano da população da cidade de São Paulo. A vida seguia normalmente, e a guerra era citada somente em algumas situações sem grande relevância. De uma forma crítica, Cytrynowicz questiona o movimento de mobilização para a guerra, apontando-o como um evento de interesse político do Estado Novo. Falando da escassez de pão em São Paulo, o autor aponta para o fato de que a falta de pão não era uma consequência da guerra, mas uma estratégia do governo para envolver a população em uma mobilização para o esforço de guerra.

“Não foi a guerra que provocou a falta relativa de pão em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a falta de pão e as filas que trouxeram a sensação de guerra, o efeito de guerra, ao cotidiano de São Paulo. Foi o alarme da escassez de um produto símbolo da alimentação, de religiosos hábitos cotidianos [...], que trouxe à cidade de São Paulo a sensação de guerra. Foi o investimento mobilizatório em torno do pão de guerra que fez criar efeitos de mobilização, e sua contrapartida, de recusa à mobilização, de recusa à intervenção do Estado em uma esfera do cotidiano considerada inviolável.”⁸

As privações impostas à população, que, segundo o autor, não chegou a ser dramática e nem *chegou ao extremo da fome*, seriam uma justificativa para o governo instalar um clima de privação coletiva, gerando um sentimento de união de todos os brasileiros “em torno dos ideais de disciplina e ordem do Estado Novo”. O autor lembra que a cidade de São Paulo comportava em 1940 uma população muito superior ao número para o qual foi projetada, e uma campanha de ordem e disciplina seria bem oportuna para o governo que precisava manter essa população sob controle.

De fato, a vida transcorria sem grandes oscilações. O governo brasileiro reagiu ao início da Segunda Guerra Mundial em 39, com a postura de neutralidade. Essa postura o ajudaria a conquistar interesses diplomáticos. A guerra representou para o governo Vargas a oportunidade de buscar o desenvolvimento industrial do Brasil. Com sua estratégia de barganha, Vargas se mostrou disposto a apoiar quem mais o ajudasse a realizar os planos para o desenvolvimento do país. Inicialmente não havia comprometimento com nenhum Estado

⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 66.

específico. No entanto suas negociações com a Alemanha enfrentavam dificuldades, principalmente com o bloqueio britânico do Atlântico limitando os acessos entre os países, o que fez com que o governo brasileiro estreitasse seus laços com os norte-americanos.

Os Estados Unidos, também tinham interesses no Brasil, especialmente na costa do Nordeste brasileiro para instalações de bases militares com o objetivo de defender as Américas de possíveis ataques alemães, que já circundavam as águas africanas do Atlântico, aproximando-se perigosamente das águas americanas. Sendo a costa do Nordeste brasileiro o lugar perfeito para a instalação dessas bases, o acordo entre Roosevelt e Vargas foi inevitável. O presidente norte-americano liberou o apoio que Vargas precisava. Era também de interesse dos Estados Unidos acabar com a influência econômica alemã no Brasil, cortando pela raiz a influência germânica no hemisfério sul das Américas. Dessa forma, alinhado ao país norte-americano, o governo brasileiro conseguiu acordos comerciais que há muito tempo outros presidentes já haviam tentado, mas sem sucesso.

De acordo com o jornalista Roberto Sander⁹, as negociações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos durante o período da guerra, realizadas pelo então Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, especialmente no ano de 1942, quando o Brasil deixou a neutralidade da guerra após o ataque sofrido em Pearl Harbor pelos japoneses, teria resultados ambíguos para o Brasil. Seu alinhamento com os Estados Unidos elevou o status do país na América Latina, no entanto também atraiu olhares hostis na Europa. As relações comerciais entre o Brasil e Estados Unidos foram atingidas em cheio pelos ataques a navios mercantes brasileiros no trajeto entre os dois países, por embarcações alemãs e italianas. Os ataques causaram prejuízos financeiros (ANEXO B) e perdas irreparáveis de vidas. Foi aí que a população brasileira percebeu que a guerra não estava tão distante quanto pensavam, e havia atingido o país de maneira direta e sem precedente.

1.2. O impacto da guerra no cotidiano dos trabalhadores.

Apesar dessa relativa distância da população brasileira sobre as questões da guerra, é fato que muitas mudanças ocorreram na vida do trabalhador brasileiro, resultantes dessa

⁹ SANDER, Roberto. O Brasil da Mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

conjuntura. Alexandre Fortes destaca algumas mudanças importantes que foram decorrentes da conjuntura de guerra que o mundo viveu e que refletiu na vida do povo brasileiro.

A industrialização do país foi um dos resultados que trouxe mudanças significativas não só para a vida dos brasileiros e como para o desenvolvimento do Brasil.

“As transformações econômicas produzidas pela guerra se associaram a outras características do esforço de guerra para criar condições favoráveis à produção de importantes mudanças no que diz respeito ao lugar dos trabalhadores na sociedade brasileira. A combinação do deslocamento massivo para novas frentes de trabalho contribuía por si só para dar uma nova configuração à classe trabalhadora. Milhares de trabalhadores foram deslocados para, em um curto espaço de tempo, incorporar novas e vastas áreas do território nacional à estrutura produtiva, seja no ramo extrativo (como a retomada da produção de borracha na Amazônia ou o início da mineração de manganês na Serra do Navio do Amapá), no desenvolvimento de indústrias de base (tais como a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda, da Fábrica Nacional de Motores, na Baixada Fluminense, da Nitro Química, em São Miguel Paulista, ou da Companhia Nacional de Álcalis, em Cabo Frio) ou ainda em empreendimentos de infraestrutura, tais como os campos de aviação construídos no bojo do *AirportDevelopmentProgram*, sob a coordenação da *Pan American Airways*.”¹⁰

O governo, com o apoio dos Estados Unidos não só estabeleceu novas indústrias como a Companhia Siderúrgica de Volta Redonda e a Companhia Vale do Rio Doce entre outras, como também incorporou indústrias de propriedade dos países do Eixo, fortalecendo a economia do Brasil. Muitas novas frentes de trabalho surgiram, provocando migrações. Foi criado o Instituto de Previdência Social e a Justiça do Trabalho, trazendo benefícios para os trabalhadores.

“No Brasil, é crescente o destaque dado às transformações ocorridas no período de envolvimento direto com a conflagração global (1941-1945) no que diz respeito à consolidação de um sistema jurídico-político que viria a marcar decisivamente as relações entre capital, trabalho e Estado no Brasil durante a segunda metade do século XX. Tais processos são identificados em diferentes leituras como a emergência de uma “cidadania regulada” (Santos, 1979), de uma “crença simbólica nos direitos” (Paoli, 1987), a “invenção do trabalhismo” (Gomes, 1987) ou a tardia “aposta populista de Vargas” (French, 1995).”¹¹

No entanto, alguns elementos surgiram do contexto de guerra que provocaram interferências do governo nas questões trabalhistas. O fato de sentir a guerra mais perto e sofrer na pele suas conseqüência com os afundamentos dos navios, levou a população a um sentimento de nacionalismo e de coletividade. Sua atuação foi marcante através das mobilizações antigermânicas ocorridas em 42. Esse elemento conjuntural não estava previsto

¹⁰ FORTES, Alexandre . Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil. 2014, p. 13,14.

¹¹ FORTES, Alexandre. Nacionalismo de massas e relações de classe no contexto da Segunda Guerra Mundial: O caso da Grande Recife.

no projeto de “trabalhismo” de Vargas, mas como bom estrategista, o presidente brasileiro procurou aproveitar esse momento em favor de seus interesses. Cytrynowicz destaca que ter uma população ao lado das forças armadas com ideais nacionalistas foi bem oportuno para o Estado Novo. A guerra foi eficaz em mobilizar todos a serviço da pátria.

O movimento antigermânico resgatou um elemento importante na sociedade que foi a valorização do povo brasileiro e o reconhecimento do seu valor para o desenvolvimento do país. As elites, que antes valorizavam o estrangeiro como elemento de desenvolvimento, agora viam no trabalhador brasileiro o povo que o país precisava para desenvolver-se. Além disso, essas mobilizações resgataram um elemento que havia se perdido no governo elitista de Vargas. A formação das massas e a força que essas massas representava.

Durante o Estado Novo, o nacionalismo de massas foi realizado por grupos de oposição como comunistas e integralistas. Ambos se movimentavam em grandes grupos, porém sempre reprimidos pelo governo por serem considerados opositores. Assim, o movimento de massas não encontrava muito espaço até 1942. Em outras palavras, não havia mobilizações de protestos ou de oposição ao governo de maneira expressiva por parte dos trabalhadores até 1942. No entanto, segundo Consuelo Novais Sampaio, as manifestações foram contidas nesse período, “[...] *mas represadas, permaneceram em ebulição.*”¹² Independente do movimento de esquerda ou de oposição, o fato é que o movimento nacionalista de massas na conjuntura de guerra seria um elemento necessário e relevante para a nação, já que ao governo interessava um envolvimento emocional da população para extrair daí um esforço conjunto de guerra. Segundo Alexandre Fortes:

“Foi o envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial que possibilitou a ruptura com as forças inerciais que, até então, tinham restringido severamente a efetivação das transformações no sistema de regulação das relações de trabalho anunciadas, por exemplo, na criação do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio (“Ministério da Revolução”) em 1931. Ao mesmo tempo, o Estado apelava para a mobilização nacionalista numa escala sem precedentes e, pela primeira vez, implementava estratégias culturais voltadas à atribuição de valores positivos ao ‘trabalhador nacional’”.¹³

As transformações ocorridas no mundo trabalhista decorrentes da entrada do Brasil na Segunda Guerra representaram mudanças importantes na história do trabalho no país e na vida

¹² SAMPAIO, Consuelo Novais. *A Bahia na Segunda Guerra Mundial*. In: O Olho da História, n° 01. Artigo da professora aposentada do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia, p. 01.

¹³ FORTES, Alexandre . Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil. 2014, p16.

do trabalhador brasileiro no que diz respeito a etnicidade e ao sentido de coletividade. O trabalhador passou a ser visto com o valor de um cidadão brasileiro, resgatando um nacionalismo até então adormecido, e que teve um peso importante no desenvolvimento econômico do país.

“[...] Nesse sentido, a guerra, mais do que um pano de fundo inerte, foi um contexto vivo e dinâmico em que se operaram profundas transformações nas condições de articulação da consciência de classe dos trabalhadores, por mais distante que os campos de batalha estivessem da **realidade** brasileira.”¹⁴

Mas é importante lembrar que Vargas visava sempre seus interesses. A motivação do trabalhador brasileiro, incentivada pelos programas de esforços de guerra, foi canalizada para atender as grandes demandas do Estado naquele momento.

Roney Cytrynowicz pontua que atendendo a interesses do Estado Novo, de indústrias têxteis e setores de exportação, os operários foram transformados em “*soldados de produção*” e os imigrantes japoneses, alemães e italianos em inimigos da pátria. O autor ainda lembra que, na Amazônia, milhares de trabalhadores teriam morrido isolados na floresta, na extração da borracha. O discurso de escassez atendia o objetivo do governo em gerar um desejo de cooperação de todos os brasileiros.

Partindo para uma visão mais específica do impacto da guerra no Brasil, voltamos a lembrar que, de início, a guerra não conquistou um lugar de relevância no cotidiano dos brasileiros. Assim como em São Paulo a guerra parecia distante, Consuelo Novais¹⁵ lembra que até 1941 não havia interesse do povo pela guerra e que os afundamentos dos navios brasileiros no Atlântico foram decisivos para uma virada de comportamento na população. A autora que focou o trabalho no comportamento dos baianos nesse período, menciona que os jornais registravam as notícias sobre a guerra, mas que o fato de a grande maioria da população ser rural e muitos analfabetos teriam determinado o pouco interesse.

Vale lembrar que era de interesse do governo e das elites manterem a neutralidade, uma vez que o país ainda tinha relações comerciais com os alemães. Consuelo menciona que os “*estrategistas de esquina*”¹⁶ disseminavam as notícias em bares e cafés, propagando a

¹⁴ Ibidem, p18.

¹⁵ SAMPAIO, Consuelo Novais. *A Bahia na Segunda Guerra Mundial*. In: O Olho da História, n° 01. Artigo da professora aposentada do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.

¹⁶ Ibidem, p. 02.

neutralidade como a melhor opção. A população, por sua vez, considerava que a guerra não tinha relevância de fato no seu cotidiano.

No entanto, segundo João Falcão¹⁷ foram os baianos que realizaram os primeiros protestos contra o nazi-fascismo. Segundo o autor, em 03 de fevereiro de 1942 houve uma grande manifestação popular em Salvador em solidariedade a Vargas pela aliança com os Estados Unidos e o rompimento com o Eixo. E em março, uma grande revolta também na Bahia deu início a uma série de manifestações em todo o país em protesto contra os afundamentos dos navios brasileiros.

Consuelo Novais lembra que foram as pressões populares e do governo norte-americano que levaram Vargas a uma atitude mais significativa em relação à guerra. O presidente incumbiu o General Estêvão Leitão de Carvalho, inspetor das Regiões Militares sediadas em Recife e Salvador, de levantar os ânimos dos nordestinos e levar esclarecimentos sobre a guerra, estimulando e provocando um maior envolvimento do povo. Ainda que o governo hesitasse em repelir germanófilos, as pressões populares o levaram a ir além do planejado sobre a mobilização das massas para o esforço de guerra.

É notória a forma como a população brasileira fora atingida emocionalmente com a proximidade da guerra ao território brasileiro, através dos afundamentos dos navios. É fato que muitas mudanças políticas e sociais ocorreram na vida dos trabalhadores brasileiros, e não se pode negar que o cotidiano também fora atingido com essas mobilizações. Antes de 42, as mudanças foram resultados de articulações do governo nas relações diplomáticas em busca de recursos para o desenvolvimento do país. Com os ataques no Atlântico, as mudanças foram mais drásticas no dia a dia dos brasileiros por conta das mobilizações e campanhas ocorridas nas ruas das grandes cidades brasileiras.

Apesar do fator emocional e da revolta, não se pode ser ingênuo a ponto de não perceber as articulações por traz dessas mobilizações. Tanto o governo tinha interesses nessas mobilizações de massas quanto o Partido Comunista que, na ilegalidade, continuava a agir da

¹⁷ FALCÃO, João. O Brasil e a Segunda Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado. Brasília, DF: EDU – UNB, 1999.

maneira que podia, para atingir seus objetivos. É inegável o poder das massas e essas instituições sabiam disso.

1.3. O Partido Comunista.

O PCB, Partido Comunista do Brasil, fundado em 1922 foi um partido que teve presença marcante na vida política do Brasil. Segundo Sena Júnior, o partido passou por um período de florescência entre os anos 30 e 40, principalmente na Bahia. O CR-BA ajudou a recompor o partido duramente atingido pela repressão do Estado Novo.

Após a derrota de 1935, o PCB tomou novos rumos, compreendendo que precisaria mudar de tática para continuar seu legado. A fase de insurreições não teria mais espaço naquele momento político e uma inflexão seria necessária. Sena Júnior diz:

“Seria em meio ao balanço histórico de uma conjuntura inaugurada nos anos 30, especialmente quanto ao período entre a derrota de 1935 e a ameaça nazi-fasci-integralista de fins da década, que o Partido Comunista do Brasil realizaria uma das inflexões políticas mais importantes de sua história. Desta maneira, esta agremiação passará a compreender a necessidade do abandono da linha “insurrecional”, ou do momento *putschista*, como de fato a tinham praticado ao menos em 1935, em função da luta pela *democracia* e pela legalidade burguesas, com base na tática *frentista* popular ou nacional.”¹⁸

Dessa forma, o PCB passou empenhar-se na defesa da democracia, frente à ameaça fascista estrangeira e “*seus agentes no país*”. Como tática, o partido buscou formar uma Frente Nacional Unificada, com o objetivo de implementar uma luta comum pela democracia. A burguesia, por sua vez, seria aliada junto aos operários para fins democráticos, uma vez que o integralismo continuava a crescer no Brasil.

Jacob Gorender afirma que estando o PCB desarticulado no plano nacional, foi criada no Rio de Janeiro em 1942 a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), que não foi muito aceita pelos comunistas baianos, mas foi importante na organização do partido.

“A linha que a CNOP adotava era de união nacional em torno do governo de Getúlio Vargas, na guerra contra o nazi-fascismo e na paz, o que revelava forte inclinação adesista. [...] Os principais responsáveis por essa palavra de ordem de apoio a Getúlio, na guerra e na paz, eram homens que depois se tornaram ultra-esquerdistas, como João Amazonas, Diógenes de Arruda, Maurício Grabois e Pedro Pomar.”¹⁹

¹⁸ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. OS IMPASSES DA ESTRATÉGIA: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. 1936-1948. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em História. Recife – Pernambuco 2007, p.82).

¹⁹ GORENDER, 1997, p. 181.

A desarticulação do partido trouxe muitas dificuldades de ação. Gorender em entrevista declara:

“No início de 1942. Constituímos uma célula universitária. O PC estava desarticulado do ponto de vista nacional. Em 1940-41, Filinto Müller, o sinistro chefe de polícia [Estado Novo], tinha conseguido prender quase todos os membros do Comitê Central. Sobreviveram núcleos comunistas em poucos estados, que agiam por conta própria. Na Bahia, os comunistas tiveram uma articulação bastante desenvolvida. Inclusive, fundaram e faziam circular uma revista chamada *Seiva*, de edição irregular, publicada desde 1939. Foi uma revista para a qual escreveram grandes nomes de orientação liberal, anti-Estado Novo, que iriam se projetar nacionalmente nos anos posteriores, como por exemplo, Luís Viana Filho, Aliomar Baleeiro, Nestor Duarte e Orlando Gomes. Eu me tornei secretário dessa revista em 1942. Foi sua última fase e mais intensa, porque se tornou possível editá-la com razoável regularidade.”²⁰

O PCB, estando na ilegalidade após os acontecimentos de 1935, precisava buscar um viés legal que contasse com grupos de oposição ao governo Vargas, visto pelos comunistas como uma liderança autoritária com tendência fascista. O Partido Comunista enfrentava grande dificuldade também em manter um trabalho consistente na sociedade, especialmente entre os operários devido à lacuna deixada pela classe, que vinha sendo controlada pelo Estado Novo. A organização comunista na Bahia parecia ter sido, segundo Sena Júnior, a que menos apresentava resquício de “infiltrados”, daí as condições melhores de realizar seu trabalho sem sofrer sanções e sua importância na reorganização do partido no país.

“Contudo, apesar das adversidades e das dificuldades em se realizar um trabalho político junto à classe operária no Brasil, não se pode dizer que o Partido na Bahia tenha negligenciado o trabalho junto ao movimento operário e sindical, haja vista que algumas categorias eram redutos tradicionais de comunistas, como os portuários (estivadores e transportadores), ferroviários e comerciários.”²¹

Apesar das tentativas junto aos trabalhadores, devido às dificuldades de atuação entre os operários foi entre os estudantes que o partido encontrou mais espaço.

“[...] seria através da militância dos pecebistas entre o estudantado, especialmente da intervenção do PCB na União de Estudantes da Bahia (UEB), e da ação cultural da revista *Seiva*, que o Partido garantiria um importante “centro” de formação e de suprimento de dirigentes, locais e nacionais, sempre que havia alguma vacância com prisões ou deslocamento de quadros para outras regiões do país.”²²

Segundo o autor, os comunistas eram os que “*melhor encarnavam o espírito anti-hitleriano*”, e por isso seu prestígio crescia em um momento em que o grande parte do planeta movia-se contra o fascismo. Seria esse o momento oportuno para “[...] *superar o isolamento*

²⁰ Ibidem, p. 178.

²¹ SENA JÚNIOR, 2007, p. 129,130.

²² Ibidem, p. 130.

[...]”²³ e de ir às massas, promovendo uma grande frente antifascista em prol da democracia. Não somente isso, o ideal comunista ainda era a revolução, e o movimento de união contra o fascismo poderia reunir elementos importantes para um salto ao poder.

“[...] No Brasil, as perspectivas mais visíveis para o PCB, quando da implementação da tática de União Nacional, relacionavam-se com a luta pela legalização do Partido Comunista e pela *democracia*, como vias necessárias ao cumprimento das tarefas de libertação nacional. Embora estas questões, entre outras, não fossem necessariamente um impedimento para a organização das massas para o “salto revolucionário”, a questão da democracia terminaria por dominar quase por inteiro as preocupações do Partido, transformando-se na estratégia essencial dos comunistas brasileiros, como, de resto, dos comunistas de boa parte do mundo.”²⁴

No entanto, para os comunistas que viviam longos anos de repressão, mais importava naquele momento a democracia (contra o fascismo) do que a revolução ou ruptura com o regime burguês. Desta forma, ainda que desconfiados com as intenções democráticas da aliança do governo brasileiro com os Estados Unidos, para os comunistas era importante manter-se do lado da democracia. Nesse sentido, a União Nacional e o apoio a Vargas seria essencial para afastar o fascismo, bem como os germanófilos presentes no país. Pensamento esse que não foi abalado nem mesmo com o pacto germano-soviético de 1939. Assim, os comunistas apoiaram a aliança do Brasil com os Estados Unidos.

“[...] ao mesmo tempo que “apoiou” o Pacto Germano-Soviético, não chegou a abandonar a tática de União Nacional contra o fascismo, entendido como inimigo principal, denotando a ambigüidade entre a linha política externa soviética e as especificidades do próprio País. Entretanto, ao que parece, este elemento foi menos um arroubo de autonomia do PC brasileiro, do que uma tendência dos PCs pelo mundo, que encontravam, na movimentação anti-fascista, o impulso decisivo para se reencontrarem com as massas, [...]”²⁵

O encontro com as massas seria uma estratégia essencial para a finalidade do partido que lutava ao mesmo tempo pela democracia e também contra o imperialismo.

“[...] pretendia articular a luta pela democracia no Brasil com o combate ao Estado Novo e suas leis fascistas, o que significava uma posição firme contra os setores reacionários dentro do governo Vargas. Mas faziam isso conjugando, também, com as tarefas anti-imperialistas da ‘libertação nacional’, que implicava a união de esforços pelo progresso e desenvolvimento econômico do país, [...]”²⁶

²³ *Ibidem*, p. 133.

²⁴ *Ibidem*, p. 134.

²⁵ *Ibidem*, p. 138.

²⁶ *Ibidem*, p. 139.

O PCB precisava do apoio das massas para cumprir seus propósitos. Através da revista *Seiva*, um importante instrumento dos comunistas na Bahia, chamava a população a unir-se em defesa da pátria, alegando que a guerra era de todos os brasileiros.

A guerra trouxe oportunidades. Os comunistas se expressavam através da revista *Seiva*, que também serviria ao governo uma vez que divulgaria sua aliança com os Estados Unidos como algo positivo para defesa nacional. Essa divulgação se dava pelo fato de que a aliança dos Estados Unidos com a União Soviética contra o fascismo representava uma força a mais para o comunismo, uma vez que o governo brasileiro, aliado a essas forças, faria uma “trégua” com os comunistas.

Com o panorama político favorável, (apesar de ainda estar na ilegalidade) novas possibilidades foram surgindo com a proximidade da guerra no cotidiano do brasileiro. As massas precisavam ser “inflamadas” e os acontecimentos de 1942 forneceram o combustível necessário para tal. O povo nas ruas expressava a indignação da população pelas ações do Eixo, ao mesmo tempo que participava do projeto comunista de frente nacional contra o inimigo comum da humanidade – o nazifascismo. Os afundamentos dos navios brasileiros, principalmente os ocorridos na costa brasileira a partir de agosto, provocaram uma indignação tamanha na população, acendendo uma chama que contribuiu para que as massas complementassem o projeto de união nacional para defesa da nação.

Capítulo 02

Na memória do povo brasileiro.

“Primeiro chegaram malas, caixotes, fardos de algodão e lascas de madeira de algo que lembrava uma embarcação; mais tarde cadáveres. A imagem de corpos de homens, mulheres e crianças boiando ou já estirados nas areias brancas da praia perto da vila de mosqueiro alarmou os habitantes das redondezas.

Levada pelos pescadores, a notícia não demorou a chegar ao cais do porto de Aracaju. E mais gente era informada dos horrores que a correnteza trazia do alto-mar. [...]

[...] O quadro era terrificante. Mais de cinqüenta corpos, alguns com sinais de mordidas de peixes, se espalhavam entre destroços de navio. Incrédulos diante daquele cenário dantesco, os homens da patrulha se perguntavam o que teria ocorrido, pois havia também corpos de soldados do Exército, inclusive oficiais.”²⁷

Este foi o quadro dos últimos acontecimentos de agosto de 1942 no litoral do Nordeste brasileiro. Essa descrição encontra-se na primeira parte do livro escrito pelo jornalista Roberto Sander intitulado *O Brasil na mira de Hitler*, no qual o autor busca evidências de que os navios brasileiros afundados no ano de 1942, teriam sido realmente afundados por embarcações alemãs e italianas.

2.1. A Guerra Atinge os Brasileiros.

O Brasil vivia um período de relativa tranqüilidade, apesar do contexto de guerra. Como o governo brasileiro, apesar de pôr fim à neutralidade, até a primeira metade do ano de 1942 não tinha intenção de participar diretamente da guerra, a vida transcorria, na medida do possível, dentro da normalidade.

Segundo João Falcão, apesar da inclinação pró-fascista, o governo brasileiro declarou neutralidade, acompanhando outros países americanos (segundo resolução da Primeira Reunião de Consulta de Ministros das Relações Exteriores do Continente, no Panamá)²⁸. A opinião pública era favorável aos países aliados. No entanto, os eventos de 1941 mudaram o quadro. O governo brasileiro não só se coloca ao lado dos Estados Unidos, como, a partir de janeiro de 1942 rompe relações com o Eixo, em resolução tomada na Conferência dos

²⁷ SANDER, 2011, p. 09.

²⁸ Primeira Reunião de Ministros do Exterior das Repúblicas Americanas, realizada no Panamá em setembro de 1939. Fonte: <http://www.oas.org/council/pr/RC/atas.asp>. Acesso em 16 de junho de 2015.

Chancelers em 15 de janeiro, tomando as devidas providências em restrição aos países inimigos.

Apesar disso, como já foi dito, a população, que vivia sob regime autoritário do Estado Novo não tinha uma tradição de movimentos de massa devido à natureza elitista do governo Vargas e mantinha-se em sua rotina diária sem grandes alterações.

O clima de aparente tranqüilidade foi interrompido pelos acontecimentos de 16 de fevereiro de 1942. Esses acontecimentos viriam mudar a história do país e a visão do povo sobre a guerra. Uma onda de ataques a navios de várias nacionalidades ocorreram no Atlântico por embarcações alemãs e italianas, estando entre esses, muitos navios brasileiros. É bom lembrar que esses ataques foram iniciados ainda em 1941, quando o Brasil encontrava-se em posição de neutralidade e não tinha qualquer envolvimento com a guerra.

A Companhia Loyde Brasileiro era uma das empresas de navegação que supria o transporte nas transações comerciais do Brasil com outros países, inclusive com a Alemanha e Estados Unidos. Segundo o documentário *O Brasil na Batalha do Atlântico* de Erik de Castro, em 1938 o Brasil fez uma encomenda de armamentos à Alemanha, o que demonstra a dinâmica do comércio externo brasileiro, para o qual a navegação era de suma importância. A navegação era um elemento importante na economia do país, uma vez que certos produtos só poderiam ser transportados por navios de grande porte. E também pelo fato da comunicação por terra ser precária.

Segundo informações do documentário, dois navios brasileiros foram atacados, um deles, o *Taubaté*, no Mar Mediterrâneo, ainda 1941. Não havia linhas normais de navegação naquela região, sendo realizadas somente viagens esporádicas. O navio da marinha mercante *Taubaté* foi atacado por um avião da Luftwaffe, em 22 de março de 1941 causando a morte do conferente José Francisco Fraga, a primeira vítima brasileira da Segunda Guerra Mundial. O outro navio, o *Cabedelo*, segundo o documentário, desapareceu em alto mar em data desconhecida, com 54 pessoas a bordo. Esses dois eventos causaram um grande pesar ao governo brasileiro, e embora não tenha sido muito divulgado no momento, representaram um marco importante na relação do Brasil com a Segunda Guerra Mundial.

O *Cabedelo* deixara o porto da Filadélfia com destino ao Brasil carregado de carvão. Segundo Sander, era um vapor de 111 metros de comprimento e 15,5 metros de largura, de

origem alemã, confiscada pelo Brasil na Primeira Guerra Mundial. O navio desapareceu em alto-mar com toda a sua tripulação. Não havia mal tempo no dia do desaparecimento, dando margem a pensar que teria sido alvo de ataque alemão ou italiano. Sander pontua que há controvérsias sobre a identidade do agressor. O submarino *Leonardo da Vinci* foi apontado como autor, porém investigações relatam que não há registros de afundamento do navio em relatos italianos. Outra possibilidade seria o *Tarelli*, outro submarino italiano, mas o mistério não foi desvendado, apesar da culpa ter sido atribuída a alguma ação do Eixo, dadas as circunstâncias.

No início de 1942, as atitudes ofensivas contra os navios continuaram com os torpedeamentos no Atlântico Norte e posteriormente na costa brasileira. As notícias chegavam através de jornais e rádio, causando comoção na população. O ano de 1942 registrou momentos terríveis de angústia e revolta do povo brasileiro ao depararem com situações inusitadas de ataques sem precedentes na história do país. A visão de corpos chegando às praias do Nordeste Brasileiro talvez tenha trazido à população uma realidade que parecia até então distante – a realidade da guerra - que alcançou o país de uma maneira surpreendente e aterradora. O sentimento era de consternação do governo e revolta da população.

2.2. Um Ataque Articulado e uma Constatação: a Espionagem.

Os ataques continuavam. Segundo noticiário do Correio da Manhã, o navio brasileiro, *Buarque* (ANEXO A), comandado pelo Capitão de Longo Curso²⁹ João Joaquim de Moura, que saíra da Venezuela em direção a Nova York, segundo a *Lloyde*, foi afundado pelo U-432 do comandante Schultze, na costa da Virgínia e teve um tripulante morto - o venezuelano Manuel Rodriguez.

“Os sobreviventes do navio brasileiro ‘Buarque’ revelaram que o mesmo navegava em direção ao norte, depois de ter passado pelo Estado do Pará no dia 1 de fevereiro. Subitamente foi avistado um submarino ao largo da costa atlântica, pouco depois da meia-noite de sábado [...] Depois de meia hora, o submarino

²⁹ Capitão de Longo Curso (CLC) é o mais alto posto dado ao Oficial de Nautica da Marinha Mercante. Com esta Patente, este Capitão é habilitado a comandar qualquer tipo de navio (não importando a tonelagem) para qualquer lugar do mundo. Ou seja, é uma Carta de Competência outorgada pela Marinha do Brasil à Oficiais Experientes que passaram por todos os estágios da carreira: Praticante, 2º Oficial de Nautica, 1º Oficial de Nautica, Capitão de Cabotagem e finalmente Capitão de Longo Curso. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o_de_longo_curso. Acesso em 10 de junho de 2015.

disparou o primeiro torpedo [...] Quinze minutos após, um novo torpedo atingiu a casa de máquinas, que explodiu, tendo o ‘Buarque’ afundado quase imediatamente [...]”³⁰

Na mesma página, o *Correio da Manhã* comentou a publicação de um Jornal de New York que, segundo o Departamento da Marinha dos Estados Unidos “*O ataque ao vapor brasileiro ‘Buarque’ [...] constitui a primeira afronta do Eixo ao hemisfério continental, desde o rompimento de relações dos países americanos com as potências totalitárias*”³¹

Em Washington, o secretário de Estado dos EUA, em entrevista, revela que “[...] recebera ‘com o mais profundo sentimento’, a notícia do afundamento do vapor brasileiro ‘Buarque’”³²

No noticiário do dia 21 de fevereiro a informação era sobre o afundamento também pelo U-432 do *Olinda*, um navio da Companhia Carbonífera Rio-Grandense que saíra do Recife no dia 20 de janeiro, tendo como carga produtos diversos, e que iria para Nova York. Segundo o noticiário, o ataque ocorreu 48 horas após o afundamento do *Buarque* que também rumava para Nova York. Segundo declaração de tripulantes,

“Descemos então dois botes – prosseguiu – e afastamo-nos do vapor, que já então fora atingido em todas as partes por, pelo menos, dez projéteis. Depois disso, foram feitos mais sete ou oito disparos. O submarino atacante aproximou-se cerca de uma milha do ‘Olinda’, antes de lançar o torpedo contra ele”³³

O depoimento confirma que o submarino que os atacara (que, ao emergir, constatou-se ser muito pequeno) teria se aproximado dos botes e que seu comandante que falava português, espanhol e inglês, questionou sobre a embarcação, sua carga e seu destino. Com a chegada de aviões da Marinha norte-americana, o submarino alemão submergiu imediatamente.

O comandante do *Olinda* observou que um submarino tão pequeno não poderia cruzar o Atlântico e voltar sem ajuda de um navio de apoio para abastecer, e acrescentou que a tripulação do *Olinda* não ficou sabendo do afundamento do *Buarque*. O Atlântico estava sendo palco de um ataque articulado do Eixo contra os americanos do norte e do sul. Com certeza havia navios de apoio para que submarinos de pequeno porte pudessem atuar e voltar ao

³⁰ Jornal *Correio da Manhã*, analisado através de pesquisas na Hemeroteca Digital. CORREIO DA MANHÃ – 1901-1974, Rio de Janeiro. Ed. 14508 de 19/02/1942.

³¹ *Ibidem*.

³² CORREIO DA MANHÃ, ed. 14508 de 19/02/1942.

³³ *Ibidem*, ed. 14510 de 21/02/1942.

seu destino com combustível suficiente. Havia informantes para indicar os dias e horários de saída dos navios. Havia um planejamento bem organizado para que esses ataques ocorressem. Segundo o jornalista Sander, o *Olinda*, que teria sido “*Avistado por uma aeronave espiã, teve sua rota, velocidade e posição informadas ao U-432, do capitão Schultze*”.³⁴

Os afundamentos dos navios Buarque e Olinda ocorreram nos dias 16 e 18 de fevereiro de 1942, respectivamente. No Brasil, comemorava-se a festa do carnaval e a notícia dos afundamentos gerou reações. Sander relata que o ministro das relações exteriores, Oswaldo Aranha mandou um telegrama a Carlos Martins, embaixador do Brasil em Washington, em 20 de fevereiro, fazendo cobranças de apoio aos Estados Unidos. O telegrama dizia o seguinte:

“O afundamento do Olinda logo depois do Buarque, nas condições em que ambos foram feitos, causaram aqui a pior impressão, pois mostra que a costa norte-americana está à mercê da Marinha do Eixo, sem proteção necessária à navegação brasileira (...) Nessa situação, em vez de recebermos daí, imediatamente, (...) a assistência modesta e mínima que pedimos, constante na lista de material bélico, estamos a receber novas indicações de delongas”.³⁵

Os ataques prosseguiram e no dia 07 de março o navio *Arabutã*, o maior navio cargueiro da frota brasileira foi torpedeado pelo U-155, com uma vítima fatal. O *Correio da Manhã* noticiou, na edição 14526, de 12 de Março, os afundamentos de três navios, destacando suas vítimas. Já haviam sido afundados os navios *Buarque* com uma morte, o *Olinda* sem vítimas fatais e o *Arabutan*, também com uma morte.

O navio seguinte noticiado, na mesma edição foi o *Cairú*, outro navio brasileiro afundado no Atlântico Norte. Atacado na noite de domingo do dia 08 de março por dois torpedos do U-94, o navio afundou rapidamente resultando em 53 mortes. Em situação extrema, muitos dos que sobreviveram ao torpedeamento não resistiram ao frio abaixo de zero que enfrentaram no hemisfério Norte (ANEXO E). Sobreviventes relataram a forma como as pessoas foram congelando aos poucos até sucumbirem. Sander relata o depoimento do 2º piloto do *Cairú*, Miral de Souza Oliveira, ao *O Globo* em 13 de julho de 1942.

“[...] um dos náufragos começou a se debater:

³⁴ Informação obtida da História Naval Brasileira. Quinto volume. Serviço de Documentação da Marinha. Rio de Janeiro, 1985. SANDER, 2011, p. 59.

³⁵ SANDER, 2011, p. 62, 63.

‘Suas unhas rasgavam a pele do seu dorso nu. Ele arrancou a camisa, a calça, a despeito do frio intenso. Mordia a própria carne. Sangrava-lhe as mãos, as pernas e o ventre. Depois, como os outros, sossegou. Logo estava morto.’

Era mais um cadáver jogado no mar.”³⁶

Roberto Sander pontua que não foram somente navios brasileiros que foram atacados. Muitos navios de outras nacionalidades americanas também foram afundados nesse período, inclusive dos Estados Unidos. A guerra no Atlântico estava desigual, já que favorecia somente o lado do Eixo, pois até março, somente três submarinos alemães foram afundados em águas americanas. Segundo o autor,

“[...] No total, de janeiro a julho de 1942, foram torpedeados em torno de trezentos navios aliados no litoral Atlântico, ao largo das Américas [...] os submarinos operavam à vontade, atacando navios que tinham sua silhueta marcada pelas luzes das cidades litorâneas. [...]”³⁷

Sander ainda destaca que o sucesso do Eixo no Atlântico não era atribuído somente ao despreparo americano contra os submarinos, mas também à ação da espionagem que agia não só nos Estados Unidos como também no Brasil. Os informantes agiam constantemente quebrando o sigilo das operações navais, mantendo os alemães e italianos informados sobre os detalhes de operação de cada navio. Os inimigos priorizavam atacar navios carregados, com o objetivo de enfraquecer economicamente os países envolvidos. A evidência da existência de espionagem potencializou ainda mais ações contra a quinta coluna e súditos do Eixo, assunto que será abordado no capítulo 03 deste trabalho.

O comandante do *Cairú*, José Moreira Pequeno, conhecido por ter embarcado de Belém para os Estados Unidos, mesmo doente, não deixando de cumprir seu dever, teve contato com o comandante do U-94, o Capitão de Corveta Otto Ites, seu agressor. Baseando-se nos depoimentos de sobreviventes, Sander relata que o submarino alemão emergiu e aproximou-se das baleeiras onde se encontravam os sobreviventes. Otto Ites, falando em inglês com sotaque alemão fez perguntas a respeito do navio afundado. Sander pontua que Pequeno “*Surpreendeu-se ao constatar que ele parecia bem informado sobre o carregamento do navio.*”³⁸ Essa é mais uma evidência de que o serviço de espionagem no Brasil estava em plena atividade. José Moreira Pequeno morreu antes que seu escaler fosse resgatado.

³⁶ Ibidem, p. 81.

³⁷ Ibidem, p. 98.

³⁸ Ibidem, p. 78.

Entre fevereiro e julho de 1942, foram aproximadamente 12 navios brasileiros afundados no Atlântico Norte, causando um grande número de mortes e grande preocupação para o governo brasileiro, para a Marinha Mercante e Marinha de Guerra.

2.3. Providências no Continente: apoio estrangeiro, esforço de guerra e mudanças na legislação trabalhista.

Enquanto isso, no continente, providências foram tomadas. Em Recife, foram estabelecidas medidas para a defesa em caso de ataques ao continente.

“[...] o general Mascarenhas de Moraes, comandante a 1ª Região Militar designava o general Demerval Peixoto, comandante da 1ª Brigada de Infantaria do Recife, para implementar, a partir de março, os primeiros exercícios de defesa para o caso de um ataque ao continente. [...]”³⁹

Mesmo antes dos ataques ao *Arabutã* e o *Cairú*, a cidade Recife, de onde saía o *Olinda*, começou a vivenciar o clima de guerra. Foi estabelecido o *Black-out*, para proteção no caso de ataque aéreo. Jornais e rádios passavam as instruções – janelas fechadas e luzes apagadas. As pessoas deveriam manter-se em casa, tráfego de bondes e automóveis foram interrompidos. Além disso, “*aviões de defesa antiaérea sobrevoariam a cidade*” e os portos foram interditados. O fato de dois navios terem sido torpedeados em menos de 48 horas (O *Buarque* e o *Olinda*) elevou o alerta de que a guerra estava muito próxima dos brasileiros e por isso cuidados deveriam ser tomados.

Na esfera diplomática, acordos começaram a ser assinados. O *Correio da Manhã* noticiou três acordos realizados entre Brasil e Estados Unidos. Os acordos tinham o objetivo de aumentar a capacidade brasileira de produzir matérias primas e de defender-se dos ataques do Eixo. Incluía a formação de uma companhia de desenvolvimento da bacia amazônica, com a finalidade de aumentar a produção de borracha; empréstimo para expansão da Marinha de Guerra e Marinha Mercante e recursos para expansão de estrada de ferro Vitória-Minas. O Ministro da Fazenda Sousa Costa afirma na nota que os acordos tinham importância econômica, mas que o mais importante era “[...] *substituir as ideologias do ódio e da desunião pelo espírito de solidariedade que inspira os governos da América.*”⁴⁰. Sander destaca que a declaração do ministro confirmava sua posição pró-aliados e sua preocupação

³⁹ Ibidem, p. 64.

⁴⁰ CORREIO DA MANHÃ, Ed. 14519, 04 de março de 1942.

juntamente com Aranha de manter afastada a orientação nazifascista que permeava os setores militares do governo Vargas.

Esse conjunto de acontecimentos chegava ao conhecimento da população causando uma sensação de proximidade com a guerra que antes não havia. A guerra atingia agora os brasileiros de uma maneira mais direta, não só ceifando vidas, como também mexendo com a estrutura produtiva do país. A demanda por borracha levou muitos trabalhadores à Amazônia para ampliação da produção em condições de trabalho bem difíceis. A indústria têxtil teve que ampliar consideravelmente sua produção e, além disso, Cytrynowicz destaca que um país predominantemente rural não teria operários na indústria suficientes para suprir as demandas de guerra. Restou aumentar a produção com o que se tinha, incluindo em seu escopo mulheres e crianças⁴¹, ao mesmo tempo em que a carga horária de trabalho era ampliada.

Observa-se aí uma ambigüidade na situação do trabalhador brasileiro em período de guerra. O governo deu com uma mão e tirou com a outra. A industrialização ampliou as possibilidades de direitos dos trabalhadores na legislação trabalhista, além de uma maior oferta de empregos. No entanto, o chamado “esforço de guerra” deu margem para que Vargas empreendesse alterações na legislação, sacrificando a classe trabalhadora.

De uma forma geral, o discurso proferido pela liderança do país era de que deveria haver um esforço de guerra de todos os brasileiros, em cooperação com a defesa nacional. Dentro desse discurso, estava incluído o tempo de trabalho dedicado à empresa. Roney Cytrynowicz lembra que a partir de 1942, as leis trabalhistas foram alteradas e que, apesar de não haver um trabalho acadêmico que trate da legislação trabalhista entre 42 e 45 (período em que o Brasil declara estado de guerra), não se pode desconsiderar essas alterações da CLT e que não seria uma ação normal do Estado Novo, mas uma ação relativa à conjuntura de guerra. É a chamada militarização do trabalho.⁴²

Cytrynowicz cita o exemplo dos dissídios coletivos que foram suspensos em 1943, e também ao apelo para que as relações empregados e patrões não fossem conflituosas em um momento “[...]em que a coesão social deve sempre e cada vez mais ser fortificadas”.⁴³ De

⁴¹ CYTRYNOWICZ, 2002, p. 199.

⁴² CYTRYNOWICZ, 2001, p. 208.

⁴³ Idem.

acordo com o autor, a partir de 42 vários decretos suspenderam alguns direitos dos trabalhadores, principalmente no que diz respeito à carga horária.

“O decreto-lei 4.639 de 31 de agosto de 1942 autorizou, nas empresas de serviço público ou que interessassem à produção e à defesa nacional, que a jornada de trabalho fosse estendida para dez horas, com acréscimo, nas duas horas extras, de 20% do salário. No parágrafo 3, do artigo 1 do decreto-lei 4.639, no entanto, autorizava-se em caso de ‘necessidade imperiosa’ uma extensão da jornada de trabalho, sem limite prefixado, ‘para fazer face a motivo de força maior’. [...]”⁴⁴

Entre outras medidas foi decretado que reuniões e assembléias só poderiam ocorrer com autorização do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. É notório que o contexto de guerra modificou as relações de trabalho, deixando o trabalhador totalmente sem alternativa para protestar. Mais do que isso, houve uma movimentação do Estado Novo em inculcar nas mentes o “dever” de todos os brasileiros em “colaborar” da forma que puderem para a defesa da pátria. Esse discurso funcionou positivamente para o governo, uma vez que os trabalhadores acreditavam que, de fato, não era o momento de reclamações.

Esse quadro ficou ainda mais evidente após o mês de agosto, que ficou na memória do povo pelas tragédias decorrentes dos afundamentos de seis navios brasileiros na costa nordestina. Esses eventos ocorridos em menos de uma semana, trazendo consternação e revolta ao povo brasileiro contribuiu para fortalecer o discurso de esforço de guerra. A revista *Diretrizes* publicou uma entrevista de um advogado pernambucano Sr. Antiógenes, na qual ele defende que as horas de trabalho dos operários não devem ser discutidas em um momento de guerra que o país está vivendo. “[...] não é o número mínimo de horas que cada pessoa deve trabalhar, mas o máximo de trabalho que pode dar [...]”⁴⁵

No entanto, em contraste com o discurso do governo, havia movimento entre alguns trabalhadores em busca de melhorias. Sander chama a atenção para a ação do governo em um dos casos. Os sobreviventes do *Alegrete*, afundado em junho de 42, deram uma demonstração de “obediência ao dever” dizendo que estavam à disposição para embarcar novamente e não recuar diante dos ataques do Eixo. Por outro lado os trabalhadores aproveitaram o momento de perigo para demonstrar insatisfações salariais para a classe marítima. Sensível ao problema, Getúlio Vargas resolveu “[...] autorizar um abono de 40% para as tripulações dos

⁴⁴ Ibidem, p. 209.

⁴⁵ Revista *Diretrizes* analisada através de pesquisas na Hemeroteca Digital. DIRETRIZES – 1938-1944, Rio de Janeiro. Ed. 114, 03 de setembro de 42, p. 15.

*navios que se destinavam às zonas consideradas perigosas[...].*⁴⁶ O presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica da Marinha Mercante se defende das acusações de “*ambiciosos*”, dizendo que os brasileiros da categoria são os que recebiam o menor salário em todo o mundo.

Após o afundamento do *Cairú* em 08 de março, chocada com o número de mortes, a direção da *Lloyde Brasileiro* providenciou a retirada de todos os navios que navegavam na região afetada para os portos mais próximos (ANEXO C). A preocupação com novos ataques era enorme e, apesar das medidas preventivas tomadas pelo governo “[...] *de aparelhar todos os navios mercantes com armas defensivas [...]*”⁴⁷, os ataques foram inevitáveis. Estava claro que nem os Estados Unidos foram capazes de impedir tal atrocidade, uma vez que sua preocupação prioritária não era a guerra anti-submarina, mas sim, a construção de embarcações de superfície. Além disso, seu foco era o Pacífico, tentando conter o avanço japonês.⁴⁸ Enquanto isso, a frota submarina alemã movia-se livremente na costa francesa ocupada, ampliando seu raio de atuação no Atlântico.

Os Estados Unidos receberam o apoio da Inglaterra para combater os ataques do Atlântico. Sander destaca que “[...] *em dez de fevereiro de 1942, a Inglaterra ofereceu à Marinha dos Estados Unidos 24 das suas mais bem treinadas traineiras antissubmarinas, além de dez corvetas com tripulações completas [...]*”.⁴⁹ Mas ainda assim, muitos ataques ainda estavam por vir. Somente a partir de março de 1943 é que foram sentidos os efeitos do uso da tecnologia inglesa e norte americana contra a guerra submarina. Com a ajuda do sonar e com tecnologia ainda mais avançada do ecobatímetro, que identificava o submarino, mesmo com as máquinas desligadas. Os radares também foram aperfeiçoados durante a guerra, de forma que conseguiam detectar até mesmo pequenos tubos que emergiam meio metro para levar ar para o submarino. Havia também um aparelho que detectava o submarino através das emissões de rádio. Além desses recursos, armas também foram aperfeiçoadas afim de destruir um submarino ainda que submerso. Assim, a partir de 1943 a vitória passou a pender para os aliados, que conseguiram neutralizar a eficácia dos submarinos do Eixo.

⁴⁶ SANDER, 2011, p. 192.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 82.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 95,96.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 99.

2.4. Ataques em série no Atlântico – A crueldade do Eixo.

Nos meses de maio e junho de 1942, várias outras embarcações brasileiras foram atacadas, atingindo em cheio o coração do povo brasileiro. Em 01 de maio, data das comemorações do dia do trabalho, Vargas usaria como de costume para proferir seu discurso populista, não fosse o acidente de carro que o obrigou a repousar. Neste mesmo dia, em que o discurso de Vargas fora lido por Marcondes Filho, ministro do trabalho, no qual mencionava a importância do transporte marítimo para a economia do país, após 53 dias de calma no Atlântico, foi afundado pelo U-162 o navio *Parnaíba* (ANEXO F) que ia de Recife a Nova York. Segundo Sander, o *Parnaíba* era um dos maiores navios mercantes do país e estava carregado com diversos produtos. O ataque resultou em sete mortes e intensas mobilizações em Salvador, com repercussão nacional.

Em 18 de maio, o *Comandante Lira*, sob comando do Capitão de Longo Curso Severino Sotero de Oliveira (ANEXO G), foi o primeiro navio torpedeado em águas brasileiras, atingido por um submarino italiano Barbarigo, sob comando de Gian Francesco Piaroggia, em Fernando de Noronha. Apesar de não ter chegado a afundar, sendo preservada sua carga, houve duas mortes.

Em 24 de maio o U-502, comandado pelo Capitão-Tenente Jürgen Von Rosenstiel, torpedeou o *Gonçalves Dias*, comandado pelo Capitão de Longo Curso João Batista Gomes de Figueiredo, afundando-o no Mar das Antilhas, causando seis mortes. Segundo Sander, alguns tripulantes do U-502 teriam se aproximado dos escaleres e, causando revolta, divertiam-se com a agonia dos que lutavam com as ondas para alcançar os botes.⁵⁰ O *Gonçalves Dias* era o oitavo navio brasileiro afundado desde fevereiro de 42. Sander destaca que “[...] *Cento e vinte e quatro pessoas já haviam morrido. Para quem não estava em guerra, eram números inaceitáveis.*”⁵¹

No dia 01 de junho, o navio atingido foi o *Alegrete* comandado por Eurico Gomes de Souza, mas sem vítimas fatais. O ataque foi realizado pelo U-156 do comandante Werner Hartenstein, nas Antilhas, tendo a tripulação escapado em quatro baleeiras, que ficaram a

⁵⁰ SANDER,2011, p. 179.

⁵¹ Idem.

mercê das ondas, até que três chegaram à terra firme e uma foi recolhida pelo navio norte-americano *Tabel*.

João Falcão ainda menciona dois navios que teriam sido afundados no Atlântico Norte no dia 05 de junho. Um de nome *Percuriti* e outro não identificado.

Logo veio a notícia do afundamento do *Pedrinhas*, o mais novo navio da marinha mercante e pertencia à Companhia de Cabotagem de Pernambuco. O ataque foi no dia 26 de junho, pelo U-203, do comandante Rolf Mutzelburg, na costa de Porto Rico. O *Pedrinhas* levava um canhão que era guarnecido por quatro militares. O canhão não impediu o ataque porque o fator surpresa era o que mais prejudicava a defesa. O navio foi alvejado em plena luz do dia e não houve vítimas fatais.

No mesmo dia, ainda na madrugada do dia 26 de junho, o *Tamandaré* sob comando do Capitão de Longo Curso José Martins de Oliveira, do Lloyd Brasileiro, foi alvejado pelo U-66 do Capitão-Tenente Fiedrich Markworth. O ataque vitimou quatro tripulantes.

Em 28 de julho o navio *Barbacena* do Lloyd foi torpedeado no Mar do Caribe, pelo U-155 comandado pelo Capitão-Tenente Adolf Cornelius que já havia atacado o *Arabutã* em março. O ataque vitimou seis pessoas, três tripulantes e três militares que guarneciam o canhão que o navio levava. Mais uma vez ficou evidente que o fator surpresa desfavorecia até mesmo navios armados.

No mesmo dia, na parte da tarde, o U-155 atacou o *Piave*, navio tanque comandado por Renato Ferreira da Silva, que morreu com um golpe na cabeça por uma peça do escaler, durante a operação de salvamento. O navio iria para a Venezuela para ser carregado de petróleo e foi atacado no Mar do Caribe, torpedeado, também recebendo tiros de canhão e metralhadora.

Enquanto o governo brasileiro se mobilizava em busca de estratégias e ajuda norte-americana para proteção dos navios, o perigo aproximava-se ainda mais do Brasil. Sander pontua que os alemães tinham nutrido esperanças de ter o Brasil como aliado, uma vez que Vargas anteriormente tinha estabelecido estreitas relações comerciais com a Alemanha e também pelo fato do presidente brasileiro externar uma certa simpatia pelo totalitarismo. No entanto, a resolução na Conferência dos Chanceleres em janeiro de 42 jogou por terra essa aliança. O rompimento com os países do Eixo provocou uma retaliação sem precedente dos

alemães sobre o Brasil. O ápice desse ataques ocorreu quando os afundamentos chegaram à costa brasileira. Não satisfeito com os ataques no Atlântico Norte, tencionando atacar o litoral nordestino, Hitler aprovou em 04 de julho:

“[...] um plano do Alto-Comando Naval no qual os portos de Santos, Rio de Janeiro, Salvador e Recife seriam penetrados furtivamente tarde da noite. Instalações e embarcações ancoradas seriam torpedeadas e os acessos minados, o que aumentaria os sérios problemas de abastecimento do país.[...] Receoso de que essa agressão arrastasse todo o continente sul-americano para a guerra, Hitler, aconselhado pelo ministro das Relações Exteriores do Reich, Joachim Von Ribbentrop, decidiu abortar o plano. As novas ordens eram para que apenas o U-507 prosseguisse na missão, mas se limitando a atacar, ‘em manobras livres’, a navegação costeira. Os demais submarinos se ocupariam de outras operações pela região.”⁵²

O mês de agosto foi marcado pela execução dos planos alemães. O U-507, sob comando de Harro Achacht adentrou às águas brasileiras iniciando assim os ataques. Ainda que orientados pela Lloyde a não se distanciar da Costa devido aos perigos no Atlântico, seis navios foram violentamente atingidos na costa do Nordeste brasileiro em menos de uma semana, trazendo conseqüências históricas para a população brasileira. Muitos outros navios foram afundados após agosto de 42, adentrando até mesmo o ano de 1943, porém esses seis navios entraram para a história como o estopim para mobilizações de protestos intensos no país. O fator emocional contribuiu imensamente para levar os brasileiros às ruas, num misto de revolta, terror e desejo de vingança, o que será tratado no próximo capítulo deste trabalho.

O *Correio da Manhã* noticiou o afundamento de cinco navios (ANEXO H), destacando que era a primeira vez que navios de transporte de passageiros e de carga eram atacados na costa brasileira, sendo o Brasil um país pacífico e que não estava envolvido com a guerra. Atingidos o *Baependi*, o *Anibal*, o *Araraquara*, o *Itagiba* e o *Araras*, o artigo tranqüiliza a população dizendo que essas ações do Eixo não ficariam impunes.⁵³

Em 15 de agosto, o *Baependi* (ANEXO I) que navegava de Sergipe a Recife, com as luzes apagadas por orientação de defesa para evitar ser visto, ainda no litoral sergipano foi alvejado por dois torpedos que provocaram grande explosão. Um dos sobreviventes, oficial de artilharia do Exército brasileiro, o capitão Lauro Moutinho dos Reis relata que “*Eram por volta das 19 horas quando, de súbito um estampido sacudiu violentamente o velho vapor. Era o início de um grande martírio, [...]*”.⁵⁴ Segundo Moutinho, muitos morreram com o impacto

⁵² SANDER, 2011, p. 215, 216.

⁵³ CORREIO DA MANHÃ, ed. 14660, 18 de agosto de 1942.

⁵⁴ SANDER, 2011, p. 219.

e a seguir o tumulto foi geral, pois o navio afundava rapidamente. Eram homens, mulheres e crianças que acabaram no mar, uma vez que não deu tempo sequer de desamarrar os botes. Por fim, encontrando uma baleeira que se soltara do navio ao primeiro impacto, Lauro Moutinho e mais alguns sobreviventes foram recolhidos e prosseguiram a remo. Da baleeira, após um tempo, avistaram um outro navio à distância que também estava sendo atacado. Mais tarde descobriram que era o *Araraquara*.⁵⁵

Ao chegar à praia, depois de conseguir acolhida, Moutinho e outros sobreviventes descobriram que restaram 36 sobreviventes de um total de 306 pessoas a bordo entre tripulantes e passageiros, totalizando 270 mortos. A forma como o navio foi atacado, com dois torpedos consecutivos sem uma pausa razoável, levou a concluir que o objetivo do U-507 foi não somente de afundar o navio, mas de provocar o maior número de vítimas. Esse fato chocou e revoltou a população pelo ato de covardia. Um médico chamado Viterbo Storry, em entrevista ao *Correio da Manhã* conta que viajavam no *Baependi* oficiais do Exército, alguns com suas famílias. O médico disse que os comentários no navio sobre os ataques do Eixo, eram de que não havia perigo naquelas águas. Dessa forma, entende-se como o torpedeamento pegou todos de surpresa. Viterbo conseguiu chegar à praia do Coqueiro na Bahia, depois foi levado para Sergipe (ANEXO M), onde encontrou muita revolta de parentes de vítimas do *Aníbal*, também afundado naquelas águas. Os depoimentos apontam para a presença de 160 militares entre as vítimas.⁵⁶ Alguns relatam o número não de 36, mas de 32 sobreviventes. De qualquer forma, o afundamento do *Baependi* representou a maior tragédia do Brasil na Segunda Guerra Mundial, por ter provocado o maior número de vítimas.

No mesmo dia, como já foi relatado, o *Araraquara* que navegava de Salvador para Recife fora atingido também no litoral de Sergipe, pelo U-507. O *Araraquara*, comandado pelo Capitão de Longo Curso Lauro Augusto Teixeira de Freitas, levava uma tripulação de 74 pessoas e 68 passageiros. Da mesma forma que o *Baependi*, o ataque foi efetuado de maneira a não dar tempo para procedimento de salvamento. O torpedeamento ocorreu às 21:15h e o navio afundou em cinco minutos. Muitos que já estavam recolhidos nos camarotes morreram. Segundo Sander foram 58 tripulantes, incluindo o comandante e 65 passageiros mortos na

⁵⁵ *Ibidem*, p. 225.

⁵⁶ CORREIO DA MANHÃ, ed. 14664, de 22 de agosto de 1942.

tragédia. Poucos sobreviveram. O jornalista Sander, baseando-se em depoimentos de sobreviventes tanto do *Baependi* como do *Araraquara*, narra os acontecimentos dando uma noção do desespero e da dimensão da tragédia. Pessoas enlouquecidas lançavam-se ao mar. Havia gritos de terror e desespero pedindo socorro em vão. O frio cortante atormentava os náufragos que chegavam de forma dramática na praia, em condições precárias, no limite das forças.

Na madrugada do dia 16 de agosto, o U-507 de Schacht voltou-se para o *Aníbal Benévolo*, comandado pelo Capitão de Longo Curso Henrique Jaques Mascarenhas Silveira e que ia de Salvador para Sergipe. O navio também navegava bem próximo à costa de Sergipe como os outros, a cerca de 07 milhas de distância do litoral. Como era madrugada, por volta de 04:05h, a grande maioria estava dormindo no momento do ataque, e como os outros, o navio afundou rapidamente. Assim, dos 71 tripulantes e 83 passageiros, somente quatro tripulantes sobreviveram, morrendo todos os outros. Entre os passageiros havia 16 crianças. Muitos desses passageiros ficariam em Sergipe, o que aponta para o fato de que muitos dos mortos seriam moradores de lá, causando extrema consternação entre os moradores da cidade de Aracaju. Sander destaca que juntando os três navios atacados em menos de 12 horas, morreram mais de 500 brasileiros.

Sander relata um acontecimento que pode sugerir ações de informantes do Eixo. Uma retenção dos três navios fundiados no porto de Salvador, devido a um problema na rede de abastecimento de água pode ter sido interpretada como um retardamento proposital para que o U-507 os alcançasse. Mas nunca houve comprovação desse fato.

Em 17 de agosto, o *Itagiba* cujo comandante era José Ricardo Nunes, navegava no litoral da Bahia e que vinha do Rio de Janeiro, era um navio de passageiros da Companhia de Navegação Costeira. Torpedeado pelo U-507, vitimou fatalmente 36 passageiros de um total de 181. João Falcão faz a conta de nove tripulantes e 30 passageiros mortos.

Ainda no dia 17, o barco *Arará* comandado pelo Capitão de Longo Curso José Coelho Gomes e que ia de Recife a Santos, teve a oportunidade de resgatar náufragos do *Itagiba*. No entanto, também alvejado pelo U-507, afundou rapidamente levando também os recém resgatados do *Itagiba*. Dos 35 tripulantes, 20 sobreviveram. Um iate *Aragibe* comandado por

Manoel Balbino dos Santos chegou e resgatou os sobreviventes de ambos os navios. João Falcão relata que no mesmo dia, um veleiro de 86 toneladas também teria sido afundado.

Segundo Sander “*Só com o aparecimento do cruzador Rio Grande do Sul, do Capitão de Fragata Jerônimo Francisco Gonçalves, e por causa da presença de aviões de patrulha, é que o submarino alemão se afastou.*”⁵⁷

Ainda em agosto, no dia 19 foi afundado pelo U-507 antes de desaparecer definitivamente, o navio *Jacira* (este seria o 6º navio afundado) na costa baiana e, segundo o documentário de Erik de Castro, não teve vítimas. Durante os meses de setembro a novembro e adentrando o ano de 1943, muitos outros navios brasileiros foram afundados por U-boats alemães e embarcações italianas, não só na costa brasileira na região do Pará, mas também na Guiana Francesa, Sul da África e no Atlântico Norte, vitimando milhares de pessoas.

Todos esses relatos revelam uma experiência traumática que somente os náufragos puderam mensurar. Sander relata, de acordo com depoimentos, várias experiências aterrorizantes como companheiros puxados por tubarões com gritos de terror e baleeiras lotadas que acabavam sucumbindo e afundando com os náufragos.

Essas experiências só fizeram reforçar o sentimento de revolta da população nordestina, principalmente do litoral sergipano e baiano que ainda teve a dolorosa e traumática experiência de deparar-se com corpos que chegavam às praias, de homens, mulheres e crianças (ANEXOS J e K), vítimas de tão grande covardia.

O U-507 deixou um rastro de morte, causada por uma forma peculiar de ataque, não permitindo qualquer reação de salvamento, devido ao pouquíssimo tempo de intervalo entre um torpedeamento e outro. Essas ações revelam uma vontade de atingir no mais profundo o coração de um país que havia decidido não mais manter relações diplomáticas de qualquer natureza com a Alemanha. O rompimento com o Eixo custou ao Brasil um alto preço, pago com vidas. Nenhum prejuízo financeiro pode superar o sentimento que as perdas humanas causaram.

O brigadeiro Deoclécio Siqueira, veterano da FAB e um dos pilotos que sobrevoaram o local relatou:

⁵⁷ SANDER, 2011, p. 237.

“ ‘Vista do ar, aquela cena mais parecia um pesadelo do que o final de uma tragédia representada no palco da existência. Nessa hora, o que mais dói em nossa alma é a injustiça do destino. Por que o desespero e o sacrifício de tantos que não contribuíram nem de longe para tanta insanidade? Essa pergunta tem sido feita pelos justos através dos tempos e a resposta nunca foi encontrada. Só quando ela vier, se vier, essa dor que tanto dói haverá de terminar’, [...]”.⁵⁸

Na memória do povo ficou a aproximação de uma guerra que parecia tão distante, mas que trouxe conseqüências não só para a vida do trabalhador brasileiro, mexendo com seus direitos trabalhistas, como também com a perda de vidas preciosas, que não daria nenhuma chance ou possibilidade de restituição.

A reação da população foi previsível, uma vez que com tamanha revolta, o sentimento de vingança era latente. Logo a população teria a resposta para a autoria de tamanha atrocidade. Alguém teria que pagar por tudo aquilo. Esse alguém seria tudo o que se relacionasse aos países do Eixo - seus súditos, seus pertences, suas lembranças. Essa onda de indignação levaria a mobilizações que mudaria o rumo do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁸ SANDER, 2011, p. 241.

Capítulo 03

As massas nas ruas – os protestos.

“Uma declaração de um chofer de táxi do Rio de Janeiro à reportagem do Diário Carioca expressava bem o sentimento da população em relação aos chamados ‘súditos do Eixo’.
‘No meu carro não entre nem alemão, nem japonês’, sentenciou.”⁵⁹

Essa frase proferida por um taxista no período da Segunda Guerra resume bem o pensamento da população brasileira no ano de 1942.

Em vários estados brasileiros, as reações se manifestavam de alguma forma, expressando o sentimento comum de revolta pelos acontecimentos. É notório que as ações das massas nesse contexto foram movidas pelo elemento emocional, mas pode-se dizer que as motivações iniciais desencadearam um sentimento de nacionalismo, que aflorou de uma maneira intensa e abrangente no país. As manifestações alcançaram uma dimensão nacional, uma vez que vários estados registraram movimentos importantes das massas, e cada um, a seu modo, pode expressar seu pensamento contra os horrores dos ataques do Eixo.

3.1. As Multidões e as Ações Políticas.

Uma análise mais detalhada ajuda a perceber que o calor da emoção pode ter sido a motivação inicial da população, mas deve-se considerar que o povo brasileiro vinha convivendo com discursos políticos tanto dos comunistas sobre “união nacional” contra um inimigo comum que era o nazifascismo, quanto do governo, sobre o sacrifício de todos para esforço de guerra. Logo, os movimentos de massa teriam uma função importante em atender a algumas demandas políticas que vinham se articulando no país.

Enquanto o governo do Estado Novo necessitava do apoio das massas para legitimar as ações de um Estado autoritário, movimentos de esquerda como o Partido Comunista do Brasil também teriam interesse em movimentar as massas em favor de seus ideais contra o regime nazifascista. O Partido Comunista, como já foi dito, antes de tudo buscava uma volta à democracia e, estando na ilegalidade, não podia participar do jogo político do país se não fosse através de um clamor popular.

⁵⁹ SANDER, 2011, P. 82.

A revista *Seiva* foi um importante instrumento de iniciativa dos baianos, ainda que não oficial do partido, para os comunistas convocarem a população a um movimento nacional contra o fascismo. No seu editorial de junho de 1942, citado por Sena Júnior, o periódico alerta a população sobre a chegada da guerra na América. O editorial chama a atenção para um sentimento de indignação e vingança que percorreu toda a América, destaca o fato de que o fascismo tenciona dominar o mundo e que caberia ao povo brasileiro, já que a guerra estava às portas do país, “*levantar-se em defesa da nação*”. Enfatizava que a guerra era de todo o povo brasileiro e não somente do governo, que nesse caso foi elogiado, pelo rompimento com o Eixo em de janeiro de 42. Esse movimento comunista, atrelado à proximidade da guerra ao cotidiano brasileiro inflamou o ânimo popular, levando o povo às ruas.

Por outro lado, Vargas tentava controlar a situação, criando mecanismos que favorecessem os interesses do governo. Como mencionado anteriormente, os decretos-lei 4.637 e 4.639 de 31 de agosto ilustram bem esse controle quando o presidente altera a jornada de trabalho e principalmente passa a monitorar as reuniões dos trabalhadores.

“[...] que só poderiam ser realizadas assembléias ou reuniões de conselhos de representantes sob autorização do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, os trabalhadores não poderiam se filiar a nenhum movimento cívico sem autorização, além de transformar os sindicatos em linha auxiliar do governo na mobilização do país. Que a idéia de mobilização não estava apenas associada à guerra, pode-se depreender do primeiro item do artigo 1 que diz que as entidades sindicais devem colaborar ‘no desenvolvimento da consciência cívica nacional pela realização de conferências para os respectivos associados e pela celebração de episódios gloriosos da pátria.’ ”⁶⁰

Cytrynowicz destaca que essa resolução do governo era uma ação pensada e não somente resultante de urgência de guerra, uma vez que já havia passado mais de seis meses desde o afundamento do primeiro navio brasileiro⁶¹. Controlar as ações dos trabalhadores era importante para o Estado Novo que, ao mesmo tempo que precisava do apoio das massas, também não podia abrir brechas para o comunismo que se levantava a cada dia ao balanço dos acontecimentos da guerra. Entre esses movimentos políticos estava a população ferida pelas tragédias no Atlântico e com desejo de vingar-se de tão grande covardia.

O papel das multidões tem sido interpretado de diferentes formas no decorrer da história. Em uma visão conservadora, a multidão era vista como um grupo irracional de

⁶⁰ CYTRYNOWICZ, 2002, p. 209.

⁶¹ *Ibidem*, p. 209, 210.

desordeiros e rebeldes. A partir do século XX, cientistas sociais e historiadores buscaram recuperar a imagem da multidão como um elemento importante de articulação política.

O historiador britânico marxista George Rudé, rompeu com a tradição, trazendo como objeto de estudo um agente social coletivo não institucionalizado como “povo”, “classe” ou “nação”: a “multidão”⁶². Especializado em Revolução Francesa, Rudé trabalha a importância da multidão, buscando analisar a história vista de baixo, tentando resgatar o valor das multidões dentro da história, afastando o olhar pejorativo que a define como uma massa desordeira e indesejada. Longe de serem consideradas violência irracional, as ações das multidões devem ser analisadas à luz de suas motivações e do contexto histórico. Rudé afirma que o crime e o motim não são inseparáveis, mas companheiros ocasionais. Tradições morais e éticas podem explicar e até legitimar a violência entre as multidões. É importante analisar a composição das massas para se explicar suas ações. É essencial conhecer o contexto social e político do momento para compreender a dinâmica da multidão.

Longe de focar nos governantes e no Estado, Rudé acredita que as pessoas comuns podem remodelar a face de uma sociedade. As multidões ganharam uma nova roupagem na qual se reconhece pessoas como sujeitos históricos, capazes de interferir no seu grupo social.

As multidões de 1942 no Brasil estavam inseridas em um contexto de guerra e juntamente com ela, grandes contradições permeavam a sociedade. A ideologia da “*escassez*”, a “*batalha da produção*”, a alta nos preços e o mercado negro⁶³ foram elementos que ao mesmo tempo em que atendia o interesse do governo de criar um ambiente de mobilização nacional, também gerava revoltas, uma vez que não faltava gasolina e comida para as camadas mais abastadas da sociedade e os bolsos dos empresários continuavam “recheados”, enquanto as classes populares se esforçavam para manter o pão na mesa. Sander registra:

“[...] A guerra naquele maio de 1942 começava a interferir dramaticamente no dia a dia dos brasileiros, atormentando principalmente a vida das donas de casa. Os preços dos gêneros alimentícios se elevavam assustadoramente e começavam a faltar produtos de primeira necessidade. Nos armazéns e feiras livres, era difícil encontrar até ovos e frangos. Surgiam também denúncias nos jornais de que alguns clientes exclusivos e mais abastados estariam sendo privilegiados pelos comerciantes.”⁶⁴

⁶² RUDÉ, George: “A Multidão na História”. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. ed Campus. P. 179-194.

⁶³ CYTRYNOWICZ, 2002, capítulos 2, 3, 10 e 12 respectivamente tratam desses assuntos.

⁶⁴ SANDER, 2011, p. 170,171.

Com o discurso dos “soldados da indústria” ou “soldados de produção”, o governo levava os trabalhadores até o limite das forças, com longas jornadas de trabalho, amparados pela lei, como um “sacrifício” pela pátria. O discurso de que a guerra era de todo o povo, legitimava qualquer ação do governo que levasse a população a se sacrificar, em nome de um esforço pela pátria.

Foi nesse contexto que as multidões de 42 se levantaram. Os naufrágios foram um estopim que acendeu a chama, mas já havia muitas contradições que causavam inquietação. Essas multidões, na verdade, embora não se apercebessem do seu poder e da sua força, encontraram nas ruas a solução para extravasar sua hostilidade em relação ao Eixo, no entanto, realizaram muito mais do que conseguir que o Brasil entrasse na guerra. A história pode revelar que suas ações fizeram a diferença no jogo político do país no período da guerra, ainda que atendessem a interesses do governo e também da esquerda.

A revista *Diretrizes* traz em seu editorial uma matéria sobre “*O povo nas ruas contra o nazi-fascismo*”. A matéria, fazendo uma análise da ação das massas no Brasil, destaca a forma voluntária como o povo foi às ruas, sem a necessidade de haver um chamado. Tudo pela indignação e desejo de vingança. O artigo destaca que no Brasil sempre foi assim e que o povo representava o que o Brasil tem de mais leal e ativo. Nota-se que a revista tentou reforçar o apoio das massas e sua importância política. A matéria continua dizendo que além disso, o povo também representava os parentes dos mortos nos torpedeamentos dos navios e que entre os participantes das passeatas estavam jovens, estudantes, proletários e pessoas de idade também, que procuravam exaltar as ações de soldados do passado, apontando-os como exemplo para os novos. Por fim, o artigo aponta para as ações do Eixo não como ações de guerra, mas como atos criminosos, típicos de métodos nazistas. Em todo o tempo, a revista que adotava uma linha de oposição ao governo, além de dar ênfase ao apoio antifascista e à união nacional, buscava exaltar o papel das massas e destacar o voluntarismo.⁶⁵

3.2. Manifestações organizadas.

Com a política de União Nacional dos comunistas, os estudantes começaram desde a Conferência dos Chanceleres a organizar manifestações levando as massas a participar das mobilizações em pontos estratégicos da cidade. Segundo João Falcão, várias manifestações

⁶⁵ DIRETRIZES, ed. 112, 29 de outubro de 42, (editorial).

foram realizadas em solidariedade a Vargas pelo rompimento com o Eixo, principalmente no Norte e Nordeste, já que no Rio de Janeiro e São Paulo as tentativas foram reprimidas por que não eram permitidas concentrações públicas.

Em Salvador houve a primeira grande manifestação popular em 03 de fevereiro, convocada pelos jornais. Segundo João Falcão, essa convocação foi assinada por pessoas influentes na Bahia como presidentes de universidades, representantes dos advogados, líderes de sindicatos e representantes comerciais. Mais de 30 mil pessoas participaram da passeata.

Até fevereiro, com a notícia do rompimento com o Eixo, as manifestações foram organizadas, com formatos de passeatas e comícios, pelos estudantes e implicitamente pelos comunistas. João Falcão menciona a passeata de Salvador em 03 de fevereiro citada acima e outra em 24 de fevereiro no Pará (esta depois dos torpedamentos do *Buarque* e do *Olinda*), que teve também um formato de passeata (ANEXO D). A revista *Diretrizes* noticia essa manifestação. O artigo relata o protesto realizado em Belém, com a indignação do povo pelo afundamento de navios *Buarque* e *Olinda*, ambos com missão pacífica e que não estavam armados para sua defesa. Além disso, o artigo destaca que o Brasil não estava em guerra. As manifestações foram pacíficas, mas não escondiam a indignação pelos ataques criminosos e covardes contra a soberania nacional. Logo após a divulgação das notícias sobre os afundamentos, o povo saiu às ruas em passeata, que iniciou-se em frente ao diário *O Estado do Pará* que teria patrocinado o evento. A passeata ostentava cartazes patrióticos, fotos de Vargas e de personalidades que representavam a Democracia no mundo como Churchill e Roosevelt, além de frases de repúdio ao Eixo e ao Nazismo. Também foi carregado um busto do presidente e também bandeiras do Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. Da sacada do jornal, alguns oradores discursaram sobre a luta da Democracia contra o Nazismo.⁶⁶

Sena Júnior destaca a forma como o Partido Comunista utilizou-se desses movimentos para se reorganizarem.

“As manifestações alcançaram todo o Brasil, principiando por Belém do Pará, no dia 24 de fevereiro, onde o PCB tinha um importante núcleo de militantes que depois “desceria” para São Paulo para ajudar na reorganização do Partido, passando por vários Estados do Nordeste e Sudeste, até atingir o Sul, especialmente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Contudo, o governo não estava disposto a ceder

⁶⁶ DIRETRIZES, ed. 89, 12 de março de 42, p. 22.

espaço para a “desordem” de maneira que, na Bahia, após uma dessas manifestações, fechou-se provisoriamente a Faculdade de Medicina e prenderam-se diversas pessoas envolvidas nos atos.[...]”⁶⁷

Segundo Sena Júnior, essa manifestação resultou não só em prisão de comunistas, mas também revelou pessoas importantes no governo que estariam envolvidas com o integralismo, dando margem a dúvidas por parte da população sobre o envolvimento do governo com o nazismo, inflamando ainda mais os ânimos.

“O professor da Faculdade de Medicina, Arnaldo Silveira, havia sido preso após discursar contra o interventor do Estado, Landulpho Alves de Almeida, afirmando que este, junto à sua esposa, de origem alemã, brindava no Palácio da Aclamação ao afundamento dos navios brasileiros.”⁶⁸

O interventor, obviamente negou as acusações, mas o clima de desconfiança com o governo intensificou-se. Por outro lado, o governo aumentou a vigilância no movimento estudantil por sua ligação com o comunismo, apesar do apoio comunista ao esforço de guerra do governo. A ação da quinta-coluna no Brasil deixava claro a existência de grupos simpatizantes com a ideologia política nazifascista, enquanto o Partido Comunista lutava bravamente contra o regime autoritário que essa política representava.

As informações colhidas até aqui levam a crer que as forças políticas tinham motivos específicos para interferir no movimento das massas, que representavam um elemento de peso. A frequência dos afundamentos dos navios incitaram o povo a avançar contra os súditos do Eixo, no entanto, os comunistas preocupavam-se com a desordem. O aspecto emocional levou as multidões para as ruas de maneira desordenada. Sena Júnior relata que a fúria das massas surgiu após a população perceber a frequência dos ataques aos navios brasileiros.

“Com efeito, ainda em fevereiro 1942, enquanto as massas se rejubilavam pelo resultado da III Conferência das Américas que provocara o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com as potências do Eixo, os primeiros navios brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães na costa dos Estados Unidos. A reação popular foi imediata, com a explosão de diversas manifestações em várias cidades do País pedindo a declaração de guerra contra o Eixo.”⁶⁹

A essa altura, o PC e os estudantes não se interessavam mais pela neutralidade, já que a ligação do Brasil com os aliados favoreciam o comunismo, e as mobilizações em apoio às resoluções da Conferência dos Chanceleres refletiram isso. Mas o destaque aqui foi a forma

⁶⁷ SENA JÚNIOR, 2007, p. 165.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ SENA JUNIOR, 2007, p. 163.

como o povo começou a se manifestar desordenadamente, sem uma organização, sem um planejamento, a partir do conhecimento das tragédias no Atlântico Norte.

3.3. Manifestações Desordenadas e a Intervenção do Partido Comunista.

Nota-se que as manifestações de fevereiro tinham uma organização que atendia tanto a interesses comunistas (de União Nacional) como do Governo Vargas (de apoio das massas). O *Buarque* e o *Olinda* foram torpedeados no Atlântico Norte e a população, apesar de assustada e entristecida, ainda sentia a guerra um tanto quanto distante. Eram dois navios, (sem contar o *Taubaté* um ano antes no Mediterrâneo e o *Cabedelo*, desaparecido), e o fator emoção ainda estava arrefecido. As fontes indicam claramente que as manifestações mais inflamadas e desordenadas ocorreram mais após uma frequência maior de torpedeamentos e, logicamente após os ocorridos na costa brasileira.

Em 12 de março, quando já se registrava, além do *Buarque* e o *Olinda*, também o *Arabutã* e o *Cairú*, João Falcão menciona uma grande revolta popular na Bahia. “[...] romperam-se as cadeias que impediam manifestações [...]”.⁷⁰ Houve depredações das lojas Dannemann e Cia (fábrica de charutos). Em seguida, houve revoltas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Rio Grande do Sul.

O Correio da Manhã noticiou as manifestações das massas após o torpedeamento do *Cairú* (afundado no dia 08 de março), o quinto navio a ser afundado. Vale lembrar que o *Cairú*, até então, tinha registrado o maior número de vítimas (53), ficando atrás somente do *Cabedelo* (54), considerado o 2º navio atacado, já que havia desaparecido, logo não havia relatos que provocassem fortes emoções. Já o *Cairú* tinha sobreviventes que relataram de maneira dramática as mortes. As informações sobre as manifestações foram fornecidas ao jornal pela chefatura de polícia por intermédio da Agência Nacional.

“[...] Ontem pela manhã um grupo de pessoas exaltadas percorreu as ruas mais centrais da cidade, depredando propriedades de súditos das nações do "Eixo". As autoridades interessadas na manutenção da ordem pública, intervieram rapidamente, [...] O povo deve confiar na ação oficial [...]. A polícia, aliás, agindo com brandura, conseguiu prontamente desfazer o grupo de exaltados. [...]”⁷¹

Em entrevista Gorender declara:

⁷⁰ FALCÃO, 1999, p. 87

⁷¹ CORREIO DA MANHÃ, ed. 14527-13/03/42.

“[...] centenas de mortos vieram ter às praias. A notícia causou comoção. Em Salvador, as massas espontaneamente se lançaram às ruas, atacando e saqueando estabelecimentos comerciais e residências de alemães e italianos. Os estudantes, que tinham certa organização, procuraram tomar a frente dos protestos e evitar atos dessa natureza. Eu me empenhei muito no movimentos, fiz discursos em praça pública, concitando à declaração de guerra contra as potências do Eixo.”⁷²

O episódio citado acima por Gorender refere-se ao mês de agosto, quando foram afundados seis navios em menos de uma semana na costa brasileira. Como era de interesse do Partido Comunista manter o controle dessa força poderosa que era a multidão, estudantes que tinham ligações estreitas com os comunistas tomaram a frente dos protestos, como Gorender mesmo declarou.

João Falcão e Sena Júnior destacam preocupação extrema dos comunistas com a questão da organização das massas.

“Em Salvador – testemunhei – uma onda de ódio e pundonor cívico levantou-se e espalhou-se por toda a cidade, traduzindo-se pelas manifestações populares, passeatas e comícios que reuniam multidões, onde oradores inflamados e traumatizados pediam vingança e declaração de guerra. Dia e noite o povo baiano permaneceu nas ruas, enfrentando a chuva e muitas vezes a Polícia Especial, gritando pela guerra – já por ele declarada – e prometendo desforra e desagravo aos irmãos que tombaram. Daí para a prática de atos de depredação das casas comerciais de alemães, de italianos e também de espanhóis, que formavam a maior coletividade estrangeira na Bahia, foi um passo. [...] Os antifascistas e comunistas tomaram posição imediata contra os atos de vandalismo, e nas praças públicas os oradores a eles vinculados pediam calma e procuravam esclarecer o povo no sentido de que a anarquia e o caos só interessavam aos nossos inimigos e à quinta-coluna. Explicavam que os bens dos súditos do Eixo responderiam pela indenização dos prejuízos causados ao Brasil pela guerra, devendo, portanto, ser preservados. Travou-se uma luta acirrada entre os patriotas esclarecidos e politizados e os patriotas apaixonados e cegos pelo justo ódio, que não queriam explicações. Com estes e com os provocadores ficou, inicialmente, a maioria dos populares, que os acompanhava pelas ruas, praticando violências, mas, aos poucos, os primeiros foram ganhando a confiança da massa e restabeleceu-se a ordem.”⁷³

“De acordo com a política dos comunistas, em nada interessava a violência desordenada e os ataques ao governo que só beneficiariam aos “agitadores” e inimigos da União Nacional. Por isso, combatendo a “desordem” da multidão, o PCB pretendia estabelecer a ordem do movimento de massas que tinha objetivos políticos claros, além de uma tática e uma estratégia. De qualquer forma, os comunistas sentiram que era a hora de ocupar o posto principal na onda patriótica e antifascista que tomava conta do País. Entretanto, como se viu, suas primeiras ações foram de contenção contra a onda de saques e depredações que atingiu os imigrantes alemães, italianos e japoneses no Brasil, afinal de contas, dever-se-iam evitar as provocações, fossem elas de qualquer tipo. [...] João Falcão menciona que, após o torpedeamento do Arabutã e do Cairú, em 07 e 08 de março respectivamente, a população agora mais alerta depois de um número maior de navios afundados, realizou uma manifestação nas ruas do Rio de Janeiro, dessa vez não reprimida, com depredações de lojas de proprietários alemães. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul houve protestos, onde foi realizado um funeral da efígie de Hitler.”⁷⁴

A revista Seiva orientava:

⁷² GORENDER, 1997, p. 178.

⁷³ FALCÃO, 1999, p. 103-104.

⁷⁴ SENA JÚNIOR, 2007, p. 164.

“O combate à quinta-coluna, tanto quanto à Defesa Nacional não são tarefas exclusivas para o governo, pois exigem a participação de todo o povo, organizado em Comissões de Defesa Nacional, comitês de vigilância, legiões patrióticas, etc e nas atuais organizações de classe, convertidas em centros patrióticos. Homens e mulheres, adultos e jovens, exército e povo, povo e governo, *todos unidos, indissoluvelmente unidos*, devem marchar resolutos para a luta pela Pátria. [...] Ao mesmo tempo, Governo, Exército e Povo devem imediatamente se empenhar nas tarefas de vigilância interna, mobilização de todos os nossos recursos militares, econômicos e a preparação da consciência nacional para os sacrifícios da guerra. Por isso deve ser estimulada e garantida toda a ação popular, que vise cooperar para a nossa defesa e *devem cessar as depredações, pois os estabelecimentos e bens dos súditos do Eixo servirão para indenizar os nossos prejuízos*. Devemos, sim, pedir imediata confiscação desses bens, que passarão a ser do Brasil e dos brasileiros.”⁷⁵

Essa citação da Seiva trata-se de um manifesto da “Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados” fundada naqueles dias, segundo Sena Júnior. O manifesto apontava para elementos centrais da tática do Partido Comunista, para manter a vanguarda do movimento patriótico. Sena Júnior cita alguns elementos:

“[...] vigilância contra a provocação e o quinta-colunismo; a consigna do armamento do povo contra a reação e pelo direito à sua autodefesa e a posição radicalmente antifascista diante do inimigo interno, o integralismo, e do inimigo externo, o nazi-fascismo.”⁷⁶

Sena Júnior ainda pontua:

“Defendendo tais atitudes, os comunistas procuravam dar mostras de serem a parte mais consciente da mobilização, a quem interessava, sinceramente, a União Nacional com o governo, contra o inimigo fascista e os provocadores integralistas. Deste modo, as autoridades mantinham-se atentas aos possíveis “excessos” praticados pela fúria da multidão e, nestas circunstâncias, os comunistas cumpriram importante papel ao lado dos dirigentes do País.”⁷⁷

A partir do mês de abril, com as intervenções e orientações da UNE e dos comunistas, as manifestações voltam a alcançar o formato organizado que atendia aos interesses de “União Nacional” dos comunistas. João Falcão menciona um evento realizado pelos estudantes em 06 de abril de 42, no qual estudantes da Comissão de Defesa Nacional promoviam a Semana Antinazista, com três comícios e uma passeata cívica. Também houve movimento no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

No dia 14 de abril, foi organizado o dia Pan-Americano, no qual o povo baiano voltou às ruas para comemorar a data da solidariedade continental. “[...] *Empunhando as bandeiras das nações irmãs da América, estudantes e populares desfilaram pela Avenida Sete de*

⁷⁵ “OS ESTUDANTES ao povo”. *Seiva*, nº 14, APJF, Salvador, p. 22-23, outubro de 1942 (grifos no original em maiúsculas), in SENA JÚNIOR, 2007, p.164.

⁷⁶ SENA JÚNIOR, p. 165).

⁷⁷ Idem.

*Setembro até a praça do Terreiro de Jesus. [...].*⁷⁸ João Falcão acrescenta que muitas sessões foram realizadas nestes dias, várias comissões patrióticas estudantis foram formadas e o Partido Comunista as utilizava para se reunir legalmente. Essas comissões impulsionaram grandes movimentos e ajuntamentos em defesa da Pátria Pró-Aliados.

Enquanto isso o governo também embarca na busca pelo apoio popular. A revista *Diretrizes* traz uma nota sobre o aniversário de Getúlio Vargas. O artigo faz uma alusão à festa de aniversário de Vargas como um acontecimento com significação maior ou pretexto para uma movimentação política. A matéria faz um comentário que sugere uma chamada à sociedade: “*Em todas as camadas da sociedade brasileira está sendo compreendida como uma necessidade premente à iniciativa de congregar todas as forças vitais da nação no propósito de fazer frente aos perigos do momento.*”⁷⁹ A matéria menciona os navios brasileiros afundados na costa norte-americana, como uma prova da posição do país dentro do conflito. Ainda menciona a publicação de uma matéria no “*Volkicher Becbacher*” em outubro de 1940 sugerindo que a Europa, com a qual a América Latina devia comerciar, seria totalitária sob a égide do Eixo e que os latino-americanos deveriam estar juntos nesse propósito. Logo se percebe as intenções do Eixo contra os EUA, envolvendo a América Latina como ponto estratégico. A nota deixa claro que Vargas direcionou a política, seguindo um clamor nacional, para a defesa da democracia nas Américas (Há sempre uma ênfase na “vontade geral”). Além disso, há um destaque na aprovação do povo aos atos de Vargas.

No mês de maio, após o afundamento do navio *Parnaíba*, houve uma passeata em Salvador com repercussão nacional. Em São Paulo, a Liga Acadêmica de Defesa Nacional lançou o Manifesto “A Mocidade Brasileira” felicitando os baianos.

Entre o dia 01 de maio, quando houve o afundamento do *Parnaíba* e 05 de junho foram afundados o *Comandante Lira*, o *Gonçalves Dias*, o *Alegrete* e outros dois navios mencionados por João Falcão, o *Percuriti* e outro não identificado. Esses afundamentos levaram a UNE e o governo a pensar na gravidade da situação.

⁷⁸ FALCÃO, 1999, p. 87.

⁷⁹ DIRETRIZES, ed. 94, 16 de abril de 42, p. 06.

A revista *Diretrizes* traz uma reportagem sobre um movimento estudantil. Com o título “*Os estudantes do Brasil formam uma única vontade*”, o artigo relata a iniciativa dos estudantes de unirem-se.

"Compreendendo a gravidade da hora presente, a mocidade estudiosa do país, além de afirmar sua fé democrática, realiza um completo entendimento entre os estudantes paulistas e baianos - continua a luta contra a "Quinta coluna" e os professores fascistas."⁸⁰

O artigo fala da união dos estudantes e o repúdio contra os ataques do Eixo contra o Brasil, refletidos nas demonstrações cívicas em todo o país. A revista *Diretrizes* tem acompanhado os atos dos estudantes e relata uma passeata realizada pelos jovens baianos, com mais ou menos mil pessoas, em protesto pelos afundamentos. Menciona os moços do Pará e também os de São Paulo. A revista frisa que esses atos não são atos isolados, mas formam uma força única e única vontade. Esse fato foi demonstrado através de uma Monção que os baianos enviaram aos estudantes paulistas, na qual reafirmam seus propósitos contra o fascismo e propõem unir-se nessa luta. Falam também da luta contra professores fascistas e defesa da democracia no país.

Em 26 de junho houve outra grande passeata em Salvador. No mesmo dia torpedearam o navio *Pedrinhas* em Porto Rico e o *Tamandaré*.

Em 02 de julho, segundo João Falcão, surge a “União da Bahia pela Defesa Nacional”, representada por todas as classes e linhas de pensamento. Foi lido um manifesto do PCB e as finalidades do documento, convocando a nação a unir-se aos seus ideais. Nota-se que o discurso de União Nacional estava tomando uma dimensão cada vez maior.

Em 04 de julho no Rio de Janeiro, a UNE organizou grande passeata de apoio aos Aliados – Passeata Estudantil Antitotalitária que também homenageava os EUA pela sua independência – Era uma marcha pública, antes proibida. Neste movimento participaram os sobreviventes do navio *Arabutã*. Foi um movimento gigantesco na Praça Mauá.

Esse grande evento como era marcha pública até então proibida, teve o apoio de Aranha, mas Filinto Müller (chefe de polícia) foi contra. Essa divergência culminou com a prisão de Filinto por Vasco Leitão da Cunha (que estava substituindo o ministro da Justiça), por desacato a autoridade. A passeata prosseguiu utilizando o V da vitória. A prisão de Filinto

⁸⁰ DIRETRIZES, ed. 103, 13 de junho de 42, p. 04.

Müller provocou uma crise interna no governo. Getúlio teve que recuar. Alguns ministros direitistas foram demitidos e outros nomeados. Um novo chefe de polícia menos repressivo foi escolhido.

“Com a abertura do regime, o movimento patriótico e antifascista continuava tentando levar às ruas as massas estudantis e populares. Em Salvador, no dia 14 de julho, data magna do povo francês, foi realizada uma grande passeata cívica. Apesar dos fortes temporais que caíam sobre a cidade, o povo baiano compareceu maciçamente para homenagear a França e externar sua solidariedade ao Comitê Nacional da França Livre, chefiado pelo general Deu Gaulle.”⁸¹

Os movimentos de União Nacional estavam surtindo efeito. Essas informações citadas por João Falcão demonstram que a ditadura de Vargas vinha perdendo força frente aos movimentos de massas realizados até então. A esquerda conquistava cada dia mais espaço através das manifestações.

Entre 26 e 28 de julho, além do *Tamandaré* e *Pedrinhas*, foram afundados mais dois navios: o *Barbacena* e o *Piave*. E o povo começou a pedir pela declaração de guerra. O clamor nas ruas era que o governo tomasse atitudes menos passivas diante das agressões do Eixo. Os pedidos de apoio a Roosevelt e o Decreto de 11 de março⁸² não foram suficientes para aplacar os anseios de vingança da população. Observa-se que as manifestações continuavam com o formato organizado. O pedido de guerra foi oficializado em um grande comício em Salvador. Lideranças antifascistas temiam um golpe da quinta-coluna e de grupos antigetulistas, prejudicando a união nacional contra o nazifascismo.

As manifestações organizadas estavam ameaçadas pelo que estava prestes a acontecer. Mesmo com a intervenção dos estudantes e comunistas, as massas vão se levantar novamente demonstrando sua grande revolta.

3.4. Tragédias na Costa Brasileira.

A partir de 15 de agosto, o caos novamente se estabeleceu. O torpedeamento de seis navios brasileiros em cinco dias na costa brasileira causou um rebuliço no país. Sander relata:

“A praia, antes deserta, agora estava cheia de moradores dos povoados vizinhos. No decorrer do dia, as ondas trariam outras evidências da becatombe, e uma noite de lágrimas velaria os mortos. Apesar

⁸¹ FALCÃO, 1999, p. 96.

⁸² Decreto-Lei nº 4.166- Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Responsabilizando as forças alemãs pelos prejuízos dos torpedeamentos. FONTE: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 10 de junho de 2015.

de viverem a rotina pacata do litoral nordestino nos anos 1940, todos ali, no fundo, suspeitavam do que poderia ter provocado tão grave acidente. Logo a dor se transformaria em revolta.

Os restos do Baependi, que primeiro aportaram na costa sergipana naquele 16 de agosto de 1942 (horas depois chegariam os do Araraquara e do Aníbal Benévolo), [...]”⁸³

Mais uma vez a emoção falou mais alto e a multidão foi às ruas. Segundo João Falcão, logo que as notícias chegaram, todo o povo saiu às ruas em protestos contra os nazistas. O comércio e repartições públicas foram fechados e houve um início de quebra-quebra e saques ao palacete de um italiano. No dia seguinte houve uma concentração em frente ao hotel onde estavam sobreviventes dos naufrágios. Sena Júnior destaca:

“O ano de 1942 trouxe de volta, portanto, as grandes manifestações de massa e uma imensa vaga antifascista que varreu o País, de Norte a Sul. Das ruas, as massas clamavam pela declaração de guerra contra o Eixo e, àquela altura, as pressões tornaram-se insuportáveis para o governo, que não conseguia conter a galopante onda humana.”⁸⁴

João Falcão destaca que durante dias o povo baiano protestou pedindo a guerra e agredindo propriedades de representantes dos países do Eixo. Os antifascistas e comunistas se posicionaram contra o vandalismo, surgindo o que João Falcão chamou de “*cisão entre esclarecidos e apaixonados*”.⁸⁵ Esse fato reforça a ideia de uma grande diferença entre o desejo real das massas, de uma mobilização passional movida pela indignação e as intenções claras do Partido Comunista de organizar mobilizações que visassem a União Nacional de todos contra o inimigo comum. Bastava a ocorrência de alguma tragédia mais intensa, para que o povo saísse daquele padrão de organização para extravasar seus sentimentos pelas ruas. Daí vem a questão: Queria mesmo a multidão que o Brasil entrasse na guerra?

Em meio a tais manifestações foi anunciado a prisão do comunista Hernani Prata, causando revoltas. Essas prisões atrelado ao sentimento antigovernista que havia surgido desde a denúncia do interventor da Bahia, enfraqueceu ainda mais a repressão do governo junto aos comunistas e à multidão que clamava pela guerra, envolvida com o discurso de União Nacional. Questionava-se como o governo poderia efetuar prisões entre os seus, enquanto o Brasil lutava por um inimigo de todos? A pressão ao governo só aumentava e ações de provocadores oportunistas causando tumultos e badernas intensificavam o caos, enquanto o governo aproveitou para atribuir a desordem aos comunistas.

⁸³ SANDER, 2011, p. 10.

⁸⁴ SENA JÚNIOR, 2007, p. 167.

⁸⁵ FALCÃO, 1999, P. 104.

A *Diretrizes* publicou uma entrevista com o General Rabelo, que criou posteriormente a Sociedade dos Amigos da América, afirmando que concorda com o interventor fluminense Amaral Peixoto quando diz que as diferenças devem ser deixadas de lado em defesa da união nacional para defesa da pátria. Destaca que, para isso, a anistia de todos os brasileiros (não importando a vertente política) será de grande importância. Rabelo destaca ainda que deve-se parar de temer os esquerdistas e comunistas pois o verdadeiro perigo é o nazismo. Assim como as ações aliadas uniram-se contra o inimigo comum, a nação deve permanecer homogênea para a defesa nacional. No entanto é necessária vigilância, garantindo a unidade contra o inimigo de todos.⁸⁶ O general Rabelo externou um pensamento que não condizia com a realidade. Vários líderes comunistas, incluindo Carlos Prestes, estavam há anos presos, durante o Estado Novo. O governo estava preocupado com a influência comunista e estes, juntamente com parte da população, desconfiados com as intenções e tendências fascistas do governo.

Em meio a esse caos, as manifestações prosseguiram. O discurso de União Nacional permanecia de pé e os estudantes continuavam articulando os movimentos. Em 18 de agosto houve uma manifestação com discurso de Oswaldo Aranha, com homenagens aos marujos da Marinha Mercante. Nos comícios da UNE, todos pediam guerra. No mesmo dia em São Paulo (na Praça da Sé – ANEXO O), na Faculdade de Direito foi realizada uma reunião entre professores e alunos, na qual proferiam brados contra o totalitarismo e a favor das democracias. Em Florianópolis algumas residências foram depredadas. Em Recife houve ataques a firmas alemãs, depredações e saques. Em Porto Alegre grandes depredações, com intervenção do governo. Em Belém houve grande comício e o comércio fechou as portas em sinal de luto.

3.5. Os Efeitos do Discurso de União Nacional.

O discurso de União Nacional surtiu seus efeitos. O Correio da Manhã noticiou uma manifestação dos marítimos ao presidente Getúlio Vargas (ANEXO L). Milhares de trabalhadores dos sindicatos de navegação, sobreviventes dos torpedeamentos e familiares das vítimas reuniram-se na Praça Mauá em homenagem ao presidente Getúlio Vargas, demonstrando solidariedade da classe trabalhadora em momento difícil. Cerca de oito mil

⁸⁶ DIRETRIZES, ed. 113, 27 de agosto, p. 23.

homens (maior homenagem dos últimos dias) ostentando bandeiras e pavilhões, dirigiram-se para a residência do presidente, sendo aplaudido pelo povo nas ruas. No palácio, após discurso da parte dos trabalhadores, o presidente Getúlio declara, entre outras coisas, que o motivo dos ataques era intimidar, mas que o intento não teria sido alcançado. Acrescenta que a Marinha de Guerra, a Aeronáutica junto com a Armada e Aviação norte-americanas iriam proteger os mares. Que o governo não os abandonaria e conclui dizendo que o mar era um símbolo da liberdade e que "[...] *o povo que não defende seus mares não é digno de viver*.[...]".⁸⁷

No Rio de Janeiro um grupo foi enviado ao Palácio Guanabara para prestar solidariedade a Getúlio Vargas. Em Salvador as entidades patrióticas tiveram que tomar medidas para rebater os provocadores, que, desvinculados dos propósitos da União Nacional, procuravam desviar o povo de objetivos patrióticos. Em 19 de agosto, na Bahia, houve um grande comício na Praça Castro Alves e na passeata, houve grandes depredações. Segundo João Falcão o povo queria continuar na rua até que o governo declarasse guerra ao Eixo.

Enquanto isso, no calor dos acontecimentos, comunistas prosseguiam com seus planos. Dulles destaca:

“Enquanto multidões iradas clamavam pela guerra e saqueavam lojas de propriedades alemãs, os líderes de aproximadamente 150 prisioneiros comunistas da Ilha Grande redigiram um telegrama a Vargas [...] A mensagem explicava que a defesa da democracia não podia ser aparelhada apenas pela maquinaria do Estado, mas exigia liberdade de expressão e de organização popular. Pedindo a declaração de guerra ao Eixo, os signatários acrescentavam que tal medida seria incompleta a não ser que se alcançasse a união nacional, abrindo as portas das prisões a todos os que desejassem lutar pela liberdade e aceitando o retorno dos exilados que quisessem defender o país. Os signatários reivindicavam postos de combate.”⁸⁸

Os comunistas buscavam oportunidade de cumprir seus propósitos de emergir no cenário político nesse contexto de guerra, pegando “carona” no movimento das massas. O discurso de União Nacional agora estava incorporado neste pedido de anistia, para que todos pudessem lutar juntos contra o inimigo comum.

O governo brasileiro declara então estado de beligerância no final de agosto (ANEXO N) e os comunistas conseguiram a anistia. A entrada do Brasil na guerra representou uma

⁸⁷ CORREIO DA MANHÃ, ed. 14663, 21 de agosto de 1942.

⁸⁸ DULLES, 1985, p. 234.

força a mais para os comunistas, uma vez que o Brasil colocava-se oficialmente ao lado da União Soviética na luta contra a Alemanha. Sena Júnior destaca:

“Para o PCB, era o momento de assumir a vanguarda das lutas, criar os organismos de Frente Única para conformar a Unidade da Nação em torno da luta antifascista, sem “distinções de classe, credo, ou partido”, era hora de “pacificar a família brasileira” em torno de Vargas, sob o lema da União Nacional.”⁸⁹

A Diretrizes publicou uma matéria apresentando uma síntese dos acontecimentos, esclarecendo como os processos foram concorrendo para a União Nacional. A matéria destaca que prevalece no meio educacional a afirmação da importância da união de todos para a defesa nacional no combate ao nazifascismo. O acadêmico Hélio de Almeida, presidente da União Nacional dos Estudantes, afirma entre outras coisas, que o Brasil é “multi” e seria muito difícil fazer essa ou aquela afirmação em nome do Brasil, como muitos governantes disseram no passado. Alguns simpatizavam com a Alemanha, os EUA chamavam os estudantes brasileiros de comunistas. Nesse meio tempo, ocorreram os afundamentos dos navios brasileiros, levando, não só os estudantes, mas todo o povo a se revoltar e pedir por uma resposta. A resposta veio com a guerra. Com isso, muitos simpatizantes da Alemanha sentiram-se iludidos. O acadêmico diz que a guerra exigia a união nacional para se fazer a guerra. E foi isso que aconteceu. Aparentemente as diferenças foram esquecidas. Tanto Prestes como o mais simples comerciante que era contra o governo, todos se solidarizaram com o presidente Vargas com o objetivo de combater o nazifascismo.⁹⁰

As fontes mostraram evidências de que o pedido de guerra não era do povo. O povo se encontrava consternado e revoltado, mas o pedido de guerra não era um sentimento genuíno do trabalhador brasileiro que já tinha suas “batalhas” internas e que no calor das emoções, certamente não refletiu sobre as consequências que um estado de beligerância poderia representar para o país.

Os brasileiros já enfrentavam suas lutas no dia a dia, no trabalho, com a necessidade do aumento vertiginoso na produção industrial; sua luta de sobrevivência com o aumento dos preços; sacrifício financeiro de alguns na contribuição com doações de partes do soldo⁹¹ para

⁸⁹ SENA JÚNIOR, p. 168

⁹⁰ DIRETRIZES, ed. 122, de 29 de outubro de 42, p. 7.

⁹¹ Ibidem, ed. 121, de 22 de outubro de 42, p. 9.

o esforço de guerra; e a luta pela sobrevivência dos que se viam desempregados, principalmente na Bahia onde a industrialização ainda era fraca. Todo o sacrifício que o governo impôs em nome de um esforço conjunto de guerra só se via nas camadas mais pobres da sociedade.

A FEB foi um reflexo dessa realidade. A maioria dos convocados eram trabalhadores. João Falcão, falando da realidade baiana, diz que o Partido Comunista incentivou seus militantes a se alistarem, mas na verdade, foram muitos jovens patrióticos não comunistas que se alistaram. Segundo o autor, foram em torno de 600 homens baianos alistados na FEB. No entanto, Jacob Gorender em entrevista declarou desses 600 homens, poucos eram universitários, e havia alguns secundaristas.

“Passaram pelos exames médicos e foram incorporados à tropa talvez uns 600. Quase nenhum universitário e um certo número de secundaristas. A maioria era gente do povo. Uma parte deles se apresentou como voluntário até como quem procura trabalho, porque o desemprego maciço era crônico na Bahia. Foi no campo de batalha que esses voluntários ganharam motivação ideológica. Alguns deles morreram lutando com valentia.”⁹²

A declaração de guerra foi uma conquista do Partido Comunista, que pode se esgueirar entre as brechas do conflito para articular novamente no jogo político do país. Ocupado com a guerra, o governo poderia fechar os olhos por um tempo para o movimento comunista, deixando o caminho um tanto livre para a ação do Partido. Além disso, o contingente de militares estaria bem reduzido, já que grande parte integrou a FEB, dando margem para movimentos no país sem tanta repressão.

Dos que clamaram nas ruas, poucos dos considerados intelectuais dos movimentos de massas foram labutar na guerra. O que se viu na FEB, foi um contingente de pessoas comuns, do povo, que buscava por uma oportunidade de trabalho.

Gorender ainda destaca que a FEB continha uma base comunista.

“Mas o que interessa aqui é que a FEB teve uma base comunista. Nunca se falou nisso: é um aspecto da história da FEB abordado pela primeira vez. Essa base comunista incluía soldados e oficiais. [...] Dessa base comunista na FEB saíram duas iniciativas relevantes. Uma delas foi a de um manifesto, em princípios de 45, pelo restabelecimento do regime democrático no Brasil, argumentando que a FEB, que lutava contra o nazi-fascismo na Europa, não podia aceitar um regime antidemocrático em nosso próprio país. O manifesto recebeu a assinatura de cerca de 200 oficiais, o que causou enorme repercussão e, decerto, contribuiu para o desmoronamento do Estado Novo.

⁹² GORENDER, 1997, p. 179, 180.

A outra iniciativa foi a da fundação de uma Associação de Ex-combatentes, do nosso regresso ao Brasil. A associação não era comunista, como afirmaram oficiais reacionários, mas os comunistas tinham uma participação importante na diretoria.”⁹³

O grito da multidão foi forte e ouvida, mas o objetivo quem conquistou foram os movimentos políticos de esquerda que foram alcançando espaço e, posteriormente conseguiram ver um governo ditador ser derrubado, vislumbrando uma nova fase na política do Brasil, discussão que não faz parte deste trabalho.

⁹³ GORENDER, 1997, p. 181, 182.

Considerações Finais

A sociedade brasileira viveu momentos surpreendentes no ano de 1942, resultantes da proximidade da guerra no país. Uma população pacífica, envolvida em suas questões internas não poderia imaginar que a guerra na Europa pudesse chegar ao continente americano. No entanto a guerra chegou provocando mudanças conjunturais na vida dos trabalhadores brasileiros.

Enquanto na Primeira República os trabalhadores buscavam uma maior participação política, durante o Estado Novo, encontraram um governo regulador e autoritário que reprimia as ações do movimento operário, e que, de outro lado os “presenteava” com leis trabalhistas que, não necessariamente eram executadas. A guerra representou uma ambigüidade na vida dos trabalhadores, uma vez que, ao mesmo tempo que passaram a ser valorizados como trabalhador brasileiro, frente ao movimento antigermânico, também foram sacrificados com o movimento de “soldados da produção”, na qual eram submetidos a grandes jornadas de trabalho, convencidos pelo discurso de esforço de guerra de todo o povo brasileiro.

Enquanto o país se beneficiava através das barganhas⁹⁴ diplomáticas, a guerra se aproximava do América não mais permitindo sua neutralidade. Os ataques do Eixo aos Estados Unidos acelerou o processo de rompimento do Brasil com o Eixo, provocando a hostilidade de Hitler contra o país. Os afundamentos dos navios brasileiros trouxeram a realidade da guerra de uma maneira cruel e inesperada para o povo brasileiro. Suas manifestações nas ruas foram um reflexo da indignação pelos acontecimentos no Atlântico, mas também foi oportuno para o PCB encontrar o espaço que precisava para entrar no cenário político. O apoio do PCB aos trabalhadores brasileiros no início da República abriu espaço para uma relação de confiança que contribuiu para a intervenção do partido nas mobilizações da população no ano de 1942.

É fato que os acontecimentos de 1942 foram complexos. Ver o povo nas ruas representava a culminância de inquietações na esfera política que há tempos estavam presentes na vida dos trabalhadores. Não era somente revolta com os ataques do Eixo, mas a expressão de desejos contidos pela repressão de longa data, e que foram extravasadas através dos protestos populares, orquestradas pelo PCB.

⁹⁴ FORTES, Do Reformismo Tecnocrático ao nacionalismo de massas, p.8.

É necessário lembrar que a regulação do Estado Novo não representou uma aceitação unânime por parte dos trabalhadores. Houve resistência, que neste trabalho foi representada pela ação dos marítimos reivindicando aumento salarial, mas que em outros trabalhos como o de Hélio da Costa, essa resistência foi bem representada através das greves de 1942 e 1943 quando a guerra ainda não havia acabado.⁹⁵

“O primeiro capítulo aborda as várias lutas levadas adiante pelos trabalhadores durante o Estado Novo. Começa por resgatar os conflitos travados nos locais de trabalho ainda sob forma fragmentada e dispersa, mas que já carregam características que estarão presentes nas lutas posteriores do movimento operário”.⁹⁶

Este trabalho buscou enfatizar as articulações políticas que giraram em torno dos movimentos de massas do ano de 1942, mas muitos casos de resistência poderão ser analisados em trabalhos posteriores, aprofundando a forma como a classe trabalhadora reagiu às tentativas do Estado Novo de controlá-los em benefício próprio. Ficou muito claro a tentativa de dominação e manipulação do governo para com as massas, no entanto, existiu o outro lado da resistência que merece atenção.

Foi importante aprofundar a pesquisa nos nalfrágios para se entender a dor e a indignação das pessoas nas ruas, mas ficou evidente que não foi somente dor, mas uma forma de liberdade, de expressão das vontades, de busca por espaço político. Os resultados foram significativos. A entrada do Brasil na guerra e a anistia foram reflexos dessas pressões e demandas das massas, que, segundo Rudé, tem plena capacidade de interferir nos caminhos da sociedade.

⁹⁵ COSTA, Hélio da. Em Busca da memória: Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Scritta. 1995, p. 3-52.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 8.

Bibliografia Citada

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COSTA, Hélio da. *Em busca da memória*. São Paulo: Scritta, 1995.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- DULLES, John Foster. *O comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra – Testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília, DF: EDU – UNB, 1999.
- FORTES, Alexandre (UERJ). *Nacionalismo de massas e relações de classe no contexto da Segunda Guerra Mundial: O caso da Grande Recife*. UFRRJ;
- FORTES, Alexandre. Os impactos da Segunda Guerra Mundial e a regulação das relações de trabalho no Brasil. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 001, p. 66177, 2014.
- FORTES, Alexandre. "Do reformismo tecnocrático ao nacionalismo de massas: A Segunda Guerra Mundial e a emergência do trabalhismo brasileiro". In: Norberto Ferreras e Daniel Aarão Reis Filho (org.). *A Questão Nacional e as Tradições Nacional-Estatistas na América Latina e na África*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, no prelo.
- GOMES, Angela M. de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Vértice, 1988.
- GORENDER, Jacob. Teoria e debate, n° 11, 3° trimestre de 1990. In. *Rememória. Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. Organização Ricardo de Azevedo e Flamarion Mauês. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.
- HOBBSBAWN, Eric. *Contra o inimigo comum*. In *Era dos Extremos. O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

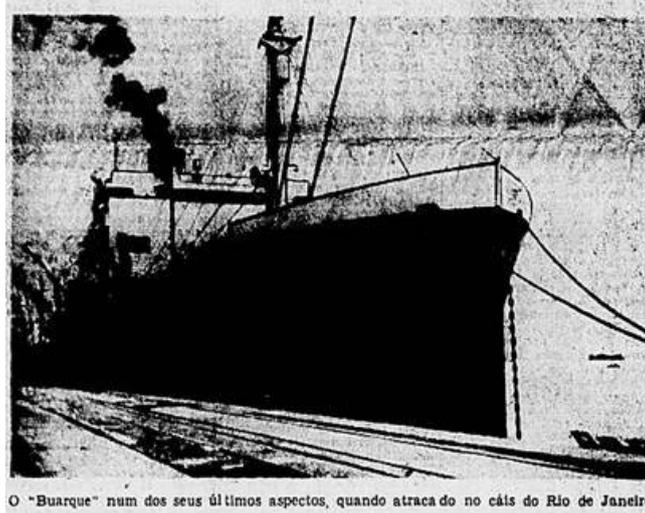
- RUDÉ, George: “A MULTIDÃO NA HISTÓRIA”. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. ed Campus. Pág 179-194.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *A Bahia na Segunda Guerra Mundial*. In: O Olho da História, n° 01. Artigo da professora aposentada do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.
- SANDER, Roberto. O Brasil da Mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. OS IMPASSES DA ESTRATÉGIA: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. 1936-1948. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em História. Recife – Pernambuco 2007.

Fontes

- CASTRO, Erik de. O Brasil na Batalha do Atlântico – As Marinhas de Guerra e Mercante na Segunda Guerra Mundial. Documentário do Ministério da Cultura, BSB Cinema e Panda Produções.
- CORREIO DA MANHÃ. Jornal analisado através de pesquisas na Hemeroteca Digital. CORREIO DA MANHÃ – 1901-1974, Rio de Janeiro.
- DIRETRIZES. Revista analisada através de pesquisas na Hemeroteca Digital. DIRETRIZES – 1938-1944, Rio de Janeiro.
- http://dehistoriaparahistoria.blogspot.com.br/2011/06/relatorio-da-excurso-para-aracaju_25.html. Acesso em 10 de junho de 2015.
- <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=119540> . Acesso em 10 de junho de 2015
- <HTTP://www.itagiba-1942.blogspot.com..> Acesso em 10 de junho de 2015.
- <http://www.oas.org/council/pr/RC/atas.asp>. Acesso em 16 de junho de 2015.
- <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. https://pt.wikipedia.org/wiki/Capit%C3%A3o_de_longo_curso. Acesso em 10 de junho de 2015.

Anexos

ANEXO A



O "Buarque" num dos seus últimos aspectos, quando atraca do no cás do Rio de Janeiro

Navio *Buarque*.

Correio da Manhã – ed. 14508, 19 de fevereiro de 1942.

ANEXO B

**ESTIMADA EM UM MILHÃO DE DOLARES
A PERDA DO "BUARQUE"**

CONFIRMA-SE QUE PERECEU APENAS UM PASSAGEIRO
DE NACIONALIDADE PORTUGUESA

Renovadas as ações inimigas contra Aruba

Um dos botes com parte dos sobreviventes do "Buarque", segundo um instantâneo colhido de bordo do navio que recolheu os naufragos na costa da Virginia

Notícia sobre as perdas financeiras com o afundamento do *Buarque*.

Correio da Manhã – ed. 14509, de 20 de fevereiro de 1942.

ANEXO C

QUE SE RECOLHAM AO PORTO MAIS PROXIMO

UMA ORDEM DA DIRETORIA DO LLOYD BRASILEIRO

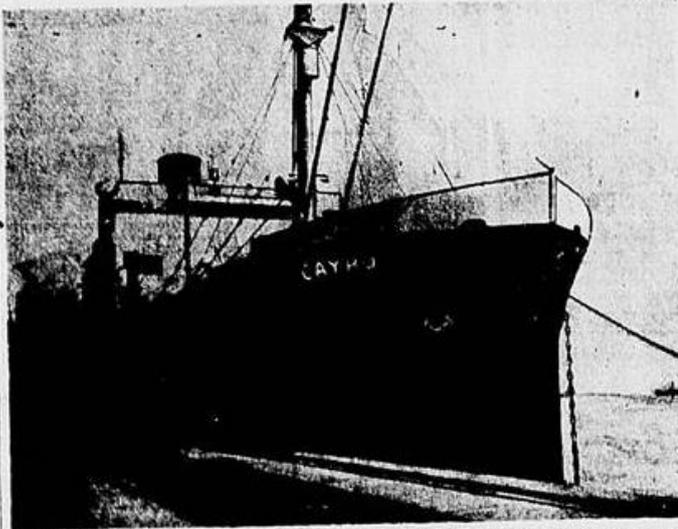
A diretoria do Lloyd Brasileiro, em face dos sucessivos torpedeamentos de barcos que navegam com a nossa bandeira, transmitiu ordem aos comandantes dos seus navios, que se encontram em zonas perigosas ou nas suas proximidades, no sentido de que os mesmos se recolham ao porto mais próximo. Os navios atingidos por essa providência são em número de cinco — o "Alegrete", o "Aiuuoca", o "Mandú", o "Parnaíba" e o "Comandante Pessoa". Os respectivos comandantes já comunicaram à direção do Lloyd que estão navegando para os portos dos quais se encontram mais próximos.

ENCONTRADA A BALEEIRA EM QUE SE ACHAVA O COMANDANTE

Nela, também, o capitão Arnaldo Monteiro

A tarde, o comandante Mário Celestino recebeu comunicação do recolhimento, por um navio de guerra norte-americano, de uma segunda baleeira com tripulantes e passageiros do "Cayrú".

Na referida baleeira foram salvos o capitão José Moreira Pequeno, comandante do "Cayrú"; o capitão do Exército Arnaldo Monteiro e senhora, a sra. Amália Frederico Kreling, secretária do diretor do Lloyd Brasileiro; um oficial do "Cayrú" e varios outros tripulantes.



O "Cayrú", o quarto navio brasileiro afundado, quando atracado no cais do porto

gia: "Por favor, responda um de cada vez."

Em seguida tornou a perguntar e indagou também da nacionalidade do barco. Respondeu-as-lhe que era brasileiro mas eis não apresentou desculpas por haver afundado um barco de país neutro. O submarino, sem dúvida alguma, era alemão.

Por sua parte, a jovem June declarou que alguns sobreviventes acreditaram ter visto dois submarinos, um dos quais navegava com as luzes apagadas. Interrogada por um oficial naval, a moçinha acrescentou que talvez o que tomou por um segundo submarino fosse o "Cayrú" quando estava afundando. June continuou dizen-



Da esquerda para a direita Benjamin Franklin, imediato; José Maria Pequeno, o comandante do "Cayrú"; Edward Barros, primeiro piloto, e João Bandeira de Melo, primeiro maquinista

Ferreira da Costa — Eládio Galvão da Costa — Augusto Joaquim — Antonio Nest — José Pedro Ramos — Leonel Moreira Calabante, Mocos — Dionísio Diniz Monteiro — Waldomiro Ferreira dos Santos — José da Silva Pinheiro — Vitorino Pereira de Sousa — Lourival Lopes da Rocha — João Guilherme Ribeiro — Antonio Veríssimo de Oliveira — Antonio Pedro de Souza — 1.º Maquinista: João Bandeira de Melo, 2.º Maquinista: Pedro José João, 3.º Maquinista: Vivaldo Coelho da Silva — Raimundo Nonato das Neves — Waldemar Barbosa e Eduardo Pinto Villar. Praticante de maquinista: Jorge Borsalio Valente, Cabos-tornantes: Matias da Silva Matos — Abel da Costa Heitorino Leal — João Evangelista Araújo — José Paulo da Silva e Teotônio Cruz Santos, Foguistas: Francisco de Souza — Domingos Biepo da Conceição e Antonio Gregório Bezerra, Carvoeiros: José Ramos da Silva e Waldemar Zacharias da Silva, 1.º Comissário: Coríntio Ferreira Pinto, 2.º Comissário: José Vidal da Costa, 1.º Cozinheiro: Sebastião Augusto dos Santos, 2.º cozinheiro: Manoel Lourenço dos Santos e Luiz Narciso da Costa, 3.º cozinheiro: Manoel Vieira dos Santos, Ajudante: Antonio Teles Barbosa Filho, Pauleiros: Bernardino da Silva Marques e Julio José Ferreira, Talabares: Gumerindo Alves da Cunha — José Felipe da Silva — Augusto Cavalcante Mergulhões — José Fernandes Braga — Manoel André Bicho — Mario Ferreira de Nascimento — Arlindo dos Anjos — Lauro Cândido Rocha — Armando de Castro Bizzerril — Alceu Ferreira Viveiros — Antonio Miguel de Oliveira — Silvano de Oliveira — Alvíno Vieira Lisboa — Antenor Caldeira — Joaquim da Costa Ribeiro — Sebastião Zito Paes de Carvalho — Antonio Silva de Andrade e Julio Sannes Ribeiro, Barbeiro: Domingos Inácio da Conceição.

NÃO ESTAVAM SEGU- RADOS

Os passageiros do "Cayrú" não estavam seguros, isto porque as nossas empresas de navegação ainda não adotaram o seguro para aqueles que se utilizam de seus

Preocupação da Loyde em recolher os navios. Fotos de tripulantes do Cairú.

Correio da Manhã — ed. 14526, 12 de março de 1942.

ANEXO D



Protesto realizado em Belém. As manifestações foram pacíficas, mas não escondiam a indignação pelos ataques criminosos e covardes contra a soberania nacional. Logo após a divulgação de notícias sobre os afundamentos, o povo saiu às ruas em passeata, que iniciou-se em frente ao diário "O Estado do Pará".

Diretrizes – ed. 89, 12 de março de 1942, p. 22.

ANEXO E

O TORPEDEAMENTO DO «CAYRU'»

OS PASSAGEIROS E TRIPULANTES QUE FORAM SALVOS, SEGUNDO
INFORMAÇÕES RECEBIDAS PELO ITAMARATY



A gravura reproduz um navio atacado e incendiado pelo inimigo ao largo da costa norte-americana, no momento em que um avião chegava a tempo de salvar sua tripulação. (Foto da "Inter-Americana")

O resgate dos sobreviventes dos *Cairú*, navio comandado por José Moreira Pequeno.

Correio da Manhã – ed. 14528, 14 de março de 1942.

ANEXO F

Mais um navio brasileiro posto a pique pelos submarinos do Eixo

*O torpedeamento do "Parnaíba"
ocorreu próximo de Trinidad*



O "Parnaíba" que foi afundado ao largo da ilha de Trinidad

Navio *Parnaíba*.

Correio da Manhã – ed. 14570, 05 de maio de 1942.

ANEXO G

ATACADO POR UM SUBMARINO INIMIGO O SETIMO NAVIO BRASILEIRO



12 dos tripulantes do navio "Comandante Lira"

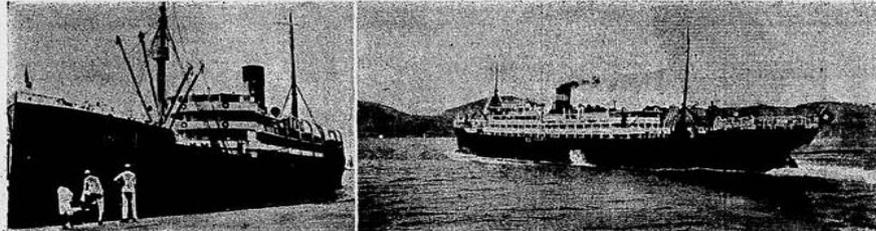
Tripulantes do Comandante Lira.

Correio da Manhã – ed. 14588, 26 de maio de 1942.

ANEXO H

AFUNDADOS PELOS SUBMARINOS NAZISTAS MAIS CINCO NAVIOS BRASILEIROS

O "Baependi", o "Anibal Benévolo", o "Araraquara", o "Ita-giba" e o "Araras" foram atacados próximo do litoral, quando navegavam entre a Baía e Sergipe



Dois dos cinco navios afundados: o "Baependi", do Lloyd Brasileiro, e o "Araraquara", do Lloyd Nacional

Comunica-nos o D. I. P. :

"Pela primeira vez embarcações brasileiras, servindo o tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro, sofreram o ataque dos submarinos do Eixo. Nestes três últimos dias entre a Bahia e Sergipe foram afundados os vapores "Baependi" e "Anibal Benévolo", do Lloyd Brasileiro, e "Araraquara", do Lloyd Nacional S. A. O inominável atentado contra indefesas unidades da Marinha Mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e distante do teatro da guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de direito e de humanidade. Nosso país, dentro de sua tradição, não se atemoriza diante de tais brutalidades e o governo examina quais as medidas a tomar em face do ocorrido. Deve o povo manter-se calmo e confiante na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e os bens dos brasileiros."

Posteriormente recebemos do D. I. P. este outro comunicado :

"Em complemento à nota distribuída pelo governo, cabe acrescentar que mais dois navios brasileiros — o "Ita-giba" e o "Araras" — foram também torpedeados por submarinos do "Eixo", à altura do litoral da Bahia. Cumpre ainda esclarecer que a bordo do "Baependi" seguia para o nordeste parte de uma unidade do Exército, com reduzido efetivo em praças, das quais algumas poucas eram reservistas convocados, não tendo, portanto, fundamento as notícias propagadas sobre elevadas perdas militares a lamentar."

BALEIRÁS COM NAUFRAGOS CHEGAM A COSTA

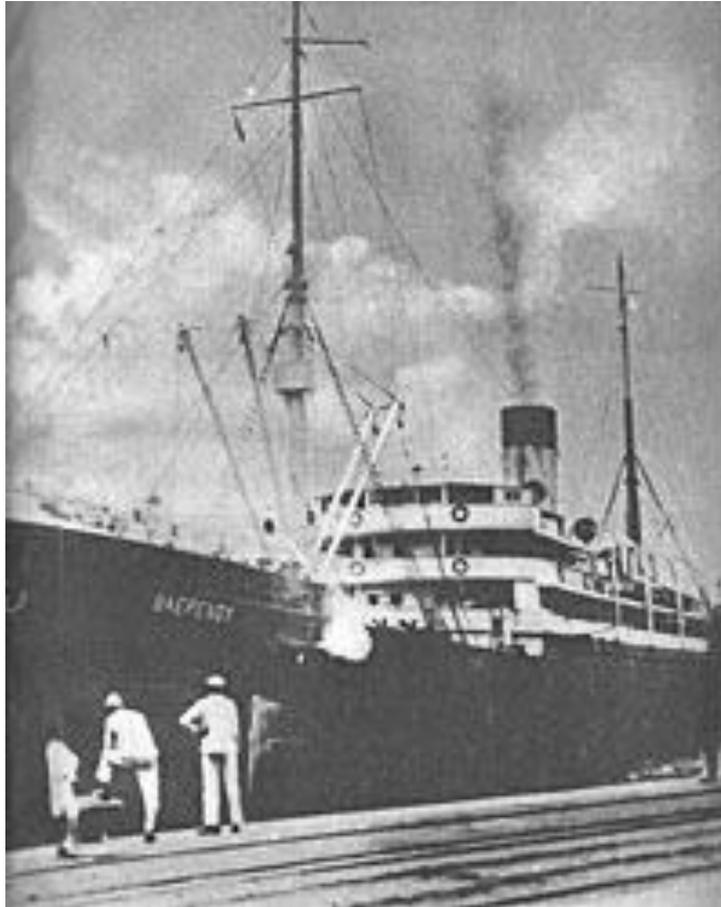
Informam-nos do D. I. P. :

"Têm chegado em vários pontos do litoral da Bahia e de Sergipe notícias telegráficas de que diversas baleeiras veem aportando a pequenas localidades da costa, sendo já grande o número de naufragos dos navios de cujo torpedeamento acabamos de dar notícia que foram salvos, esperando-se que ainda mais outros possam ser recolhidos no decurso desta noite e dos próximos dias."

Notícia dos ataques dos navios na costa brasileira.

Correio da Manhã – ed. 14660, 18 de agosto de 1942.

ANEXO I



O *Baependi* teve o maior número de vítimas – 270 mortos, incluindo militares, além de mulheres, crianças.

Fonte: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=119540> . Acesso em 10 de junho de 2015.

ANEXOS J



Vítimas do navio *Baependi*, provavelmente filho e esposa de tripulantes.

Fonte: <HTTP://www.itagiba-1942.blogspot.com>. Acesso em 10 de junho de 2015.

ANEXO K



Cemitério dos Náufragos, em Sergipe.

Devido ao avançado estágio de putrefação em que se encontravam algumas vítimas, muitas foram enterradas na própria praia ou áreas circunvizinhas, dando origem aos cemitérios dos náufragos.

O mais famoso fica no quilômetro 10 da rodovia José Sarney, em um terreno cedido pela prefeitura, na qual encontra-se a sepultura de dez pessoas. O próprio caminho também recebera esse nome em homenagem às vítimas – “Rodovia dos Náufragos”.

Fonte: http://dehistoriaparahistoria.blogspot.com.br/2011/06/relatorio-da-excursao-para-aracaju_25.html. Acesso em 10 de junho de 2015.

ANEXO L



Correio da Manhã, ed, 14663, 21 de agosto de 1942.

ANEXO M

CHEGARAM AO RIO OS PRIMEIROS NÁUFRAGOS DOS CINCO NAVIOS AFUNDADOS PELOS CORSÁRIOS NAZISTAS

Como os drs. Viterbo Storry e Zamir de Oliveira, passageiros do "Baependi",
deram ao "Correio da Manhã" as suas impressões



Chegam ao Rio os primeiros naufragos — O encontro comovente da sra. Storry com seu esposo, o dr. Viterbo Storry, naufrago do "Baependi", por ocasião da chegada deste ao Aeroporto Santos Dumont. Ao lado os drs. Storry e Zamir de Oliveira, num flagrante tomado ao lado do avião em que viajaram

Encontro do dr. Viterbo Storry e dr. Zamir de Oliveira com a família.
Correio da Manhã — ed. 14664, 22 de agosto de 1942.

ANEXO N

A NOTA OFICIAL

Um instantâneo colhido durante a histórica reunião do Ministério realizada ontem sob a presidência do chefe do Estado

Comunica-nos o D I P I

"O sr. Presidente da República reuniu hoje o Ministério, tendo comparecido todos os ministros. Diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras — Alemanha e Itália. Em consequência, expediram-se por via diplomática as devidas comunicações áqueles dois países. Examinaram-se, em seguida, diversas providências atinentes á situação, ficando os ministros incumbidos de preparar os atos necessários. Resolveu, ainda, o sr. Presidente da República que o Ministério, daqui por diante, se reuna semanalmente para assentar outras medidas exigidas pelas circunstâncias."

ACREDITA-SE QUE O URUGUAI NOS ACOMPANHARA

Montevideú, 22 (Reuters) — Acredita-se nesta capital que o governo do Uruguai não tardará a declarar guerra às potências do Eixo.

ANEXO O

PÁGINA 13

"Não compreendemos a vida sem liberdade"

O QUE FOI O GRANDE COMÍCIO ESTUDANTIL, NO DIA 18 ÚLTIMO, NA PRAÇA DA SÉ, EM SÃO PAULO

Mais do que com mil pessoas penetraram no comício monstro realizado na praça da Sé pelos estudantes paulistas. Professores e alunos, operários e populares, reuniram-se, em ocasiões arduas e civis, sua indignação ante a covardia hitlerista, assassinando inocentes brasileiros.

...indade, afirmou: "Estas as condições atuais e hostilidades internas devem ser esquecidas, somos democratas. Não compreendemos a vida sem liberdade, e neste momento não se compreende liberdade sem guerra."

Falaram ainda o Presidente do Centro, Il de Agosto, Antônio Cardoso de Melo Neto, além do operário Edmundo Dias de O...

...borço, que não falar em caráter pessoal.

...Sem dúvida alguma, a demonstração civil dos estudantes paulistas, na hora em que a Pátria exige dos seus filhos uma unidade de ação e de postura contra seus inimigos internos e externos, serão como um longo altíssimo momento, não só repetido por todos os recantos do país, com esta seriedade que ocorre em todos os países e filhos democráticos.

TITO BATINI, O VENCEDOR DO PRÊMIO "SAMUEL RIBEIRO", SERÁ HOMENAGEADO EM SÃO PAULO

ENTREGARÁ O PRÊMIO, EM NOME DE "DIRETRIZES", O SR. MAURICIO COULART

Tito Batini, o vencedor do prêmio "Samuel Ribeiro", que será homenageado em São Paulo.

CONFORME noticiamos em ... manifestação estudantil, delegados nacionais e, assim, no ... re local, São Paulo, logo que ... ções do Centro Acadêmico 11 de ... sando marinheiros, mulheres ... ram conhecidos os recentes at: Agosto e da Faculdade de Filosofia ... a crianças indefesas e inocentes.

Comício na praça da Sé, em São Paulo.
Diretrizes – ed. 113, 27 de agosto de 1942, p.15.